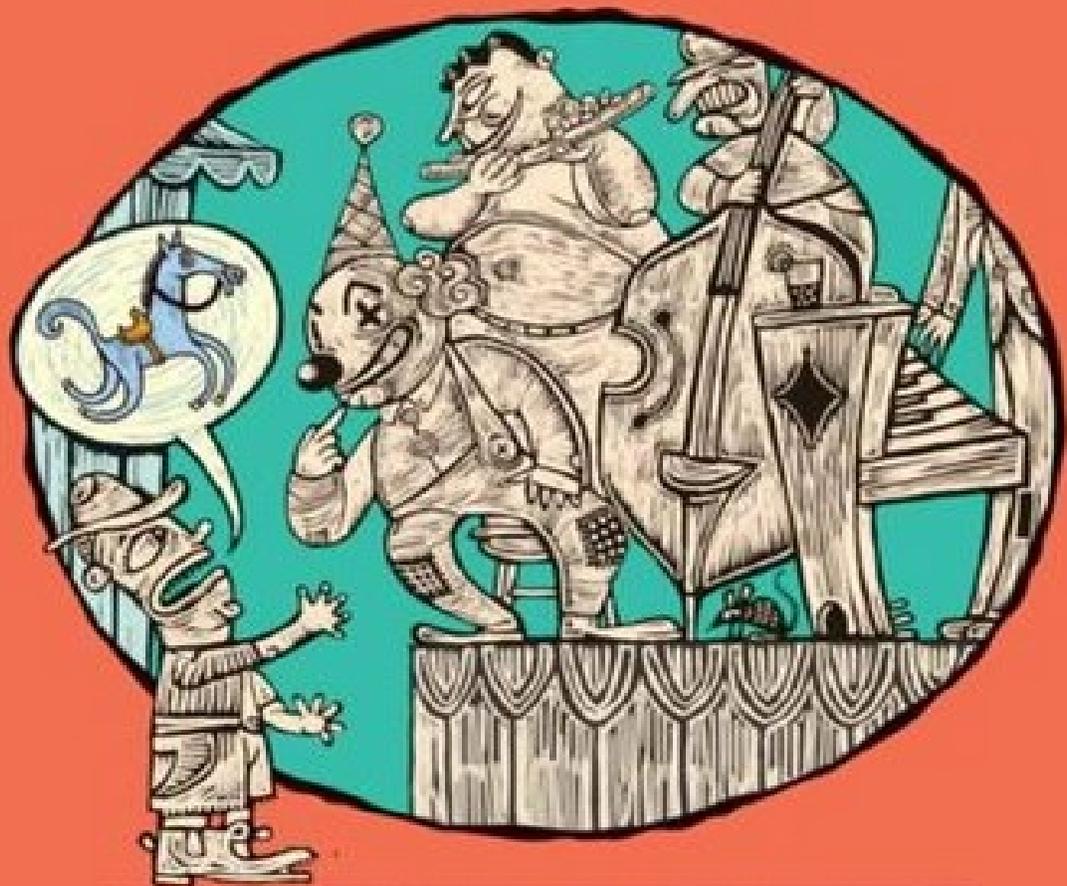


ANTOLOGIA DE HISTÓRIAS

ORGANIZADA POR
MARIA CLARA MACHADO



ILUSTRAÇÕES DE MARIO BAG

GRACIANO RAMOS MORTENO LUDATO
JOÃO LEO DO REGO JOSÉ DE LIMA
LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA YURIATO COZZA



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."







ANTOLOGIA DE HISTÓRIAS

ORGANIZADA POR
MARIA CLARA MACHADO



ILUSTRAÇÕES DE MARIO BAG



Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042 -235

Rio de Janeiro – RJ – Brasil

Tel.: (21)3882 -8200 – Fax: (21)3882 -8212/8313

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A637

Antologia de histórias / organizada por Maria Clara Machado; ilustrações de Mario Bag. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ISBN 978-85-209-3827-0

1. Literatura infantojuvenil. I. Machado, Maria Clara, 1921-2001 II. Bag, Mario, 1956-. III. Título.

07-1690.

CDD: 028.5
CDU: 087.5

03.05.07 04.05.07

001575

MARIA CLARA MACHADO. Nascida em Belo Horizonte em 1921, fundou no Rio de Janeiro o Tablado Companhia de Teatro, onde grandes atores tiveram sua estreia. Foi a representante do Brasil em Paris, no Congresso de Teatro para a Juventude em 1965.

Maria Clara faleceu no Rio de Janeiro no dia 30 de abril de 2001.



SUMARIO

Apresentação

Pinto-Calçudo Descobre a Bahia

O Mistério do Polo

O Jabuti, a Anta e a Onça

A Sabatina de Tabuada

A Cobra que era uma Princesa

As Botas-de-Sete-Léguas

A Terra dos Meninos Pelados

Celebridade de Malasarte

As Saúvas Brigonas

O Cavalinho Azul

Notas

Apresentacao

Amigos leitores, vocês vão conhecer narrativas que encantam crianças há gerações. Fábulas, alegorias, histórias mágicas povoadas de personagens famosos como *Pedro Malasarte*, de Jorge de Lima, que passou da história para o imaginário popular; ou o *Pequeno Polegar*, lendário personagem europeu recriado por Monteiro Lobato para se curvar à esperteza da boneca Emília, do Sítio do Picapau Amarelo; ou *Pinto-Calçudo*, de Virgínia Valli, contando de forma poética e crítica o descobrimento do Brasil. Nas fábulas, as histórias com personagens animais, que fazem parte das três etnias básicas da nossa cultura: a africana, a indígena e a portuguesa. O *jabuti, a anta e a onça*, de Hernâni Donato, e *As saúvas brigonas*, de Elza Bibiano, são fábulas tanto na forma como no conteúdo. *O mistério do polo*, de Lúcia M. de Almeida, tem personagens animais numa narrativa policial. Histórias mágicas: *A princesa que era cobra*, de José Lins do Rego, a fantasia a serviço da crítica social; *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos, a fuga diante da dor da discriminação, a infância como época de solidão e carência. Em *O cavalinho azul*, de Maria Clara Machado, um sonho de felicidade que toda criança acalenta; *A sabatina de tabuada*, de Viriato Corrêa, a escola de antigamente que pretendia ensinar através de castigos.

Boa leitura,

Ediouro Publicações

PINTO-CALÇUDO DESCOBRIR A BAHIA

VIRGINIA VALLI



Pinto-Calçado não é pinto-pinto. É português calçado de sapato, chapéu na cabeça e mosquete na mão. Sapato serve para esconder o pé, chapéu para fazer sombra na cara e mosquete serve para fazer fogo e fumaça. Serve até para matar passarinho, para matar onça e, quem sabe, será? Para matar índio também.

Pinto-Calçado não é pinto bobo. Não pia, mas fala. Fala uma fala que parece espanhol e não é, e vai ser português depois que descobrir o Brasil.

Pinto-Calçado é português de Portucália. Vem navegando em navio, vê terra, pisa na terra e toma a terra para ele e para el-rei. Pisa na floresta, tira madeira para fazer mesa e cadeira. Pinto-Calçado anda depressa. Vai chegando, vai entrando, vai pisando, vai tomando tudo.

Pinto-Calçado, cuidado! Não pisa no índio que índio não é cobra.

Pinto-Calçado aponta arma para o céu. Faz fogo e fumaça. Pinto-Calçado espantou o índio. Não sei se matou o passarinho. Só sei que espantou o índio. Índio correu e se escondeu atrás da serra das esmeraldas e atrás de outras serras do Brasil. Borborema. Grão-Mogol. Amantiquira. O índio correu e se escondeu atrás de todas as serras do Brasil. Antes de se esconder, ele gritou:

– CARAMURU! CARAMURU! CARAMURU!

As serras e as florestas responderam:

– MURU! MURU! MURU!

Pinto-Calçado é Caramuru. É dono do trovão. Pinto-Calçado assustou o índio. Pinto-Calçado é perigoso. É dono do fogo, é dono da fumaça. Não adianta lutar com Caramuru. Deixa Pinto-Calçado entrar e tomar tudo para ele e para el-rei.

Mas vamos começar esta história do seu começo mesmo, que começou assim:

Um dia, o rei dos pintos chamou o capitão-mor e falou para ele:

– Pedro Álvares Cabral, está na hora de descobrir o Brasil. Amonta na caravela e vai!

Pedro Álvares então perguntou:

– Vou per onde e adonde vou?¹ Dom Manuel I aí explicou:

– Tu sabes que o mundo é uma laranja?

– Dizem que é – disse o outro.

– Desde que a terra é laranja, deste lado está Portugal e deste outro lá, Brasil. E este caminho vai pera lá.

– Como é que vou pera lá sem carta-mapa sem nada? – perguntou o capitão-mor.

– Com agulha-astrolábio-vento e coragem é que se vai a lá.

– Pois cá tenho tudo isso que trago da escola – respondeu Cabral, satisfeito.

Dom Manuel, então, disse mais:

– Toma as caravelas, entra numa delas e vai. Mas não vades em terra de Castela que o papa dividiu o além em mais além e menos além. Traçou o traço das Tordesilhas. Além de lá é de Espanha. Aquém de cá pertence a Portugal.

Pinto-Calçudo não entendeu bem a fala do rei. Mas Dom Manuel mandou? Pinto obedece.

Aí fizeram uma missa. Pedro Álvares Cabral entrou na ermida e rezou junto. Depois subiu na torre de Belém e espiou o mar uma vez para ver a terra alaranjando longe. Traçou o sinal da cruz, desceu da torre e subiu na caravela dele. As outras vinham atrás.

Pinto-Calçudo é corajoso e teimoso. Não via nada no além onde a terra alaranja redonda. Mas ia navegando no mar que aparecia. Ia navegando e cantando:

– Vou navegando neste mar peraqui perali pera ver adonde dá. Já dobraram Cabo-Não-Bojador-Tormentório-Adamastor-e-da-Boa-Esperança. Não carece ir pera lá. Vou mareando neste mar peraqui perali pera ver adonde dá.

Ninguém sabia que mar oceano era aquele. Se era mar maior ou menor. Só o vento é que sabia. Pedro Álvares Cabral já cansava de velejar e procurar o Brasil sem achar. Queria voltar e dizer a el-rei:

– Não achei a boa terra.

Mas Pinto-Calçudo é teimoso. Seguiu navegando e cantando:

– Vou navegando neste mar peraqui perali para ver adonde dá.

Até que um dia, de abril talvez, deste ano de 1500, Pinto-Calçudo viu passarinho voando no mar. Ele então falou, não com seus botões que não tinha, mas falou sozinho:

– Passarinho voando é terra! Terra com passarinho só pode ser Brasil. Deixe ver nos meus óculos.

Pinto-Calçudo olhou por um óculo dentro de um canudo. Sorriu e depois gritou para os outros pintos que vinham com ele e atrás dele:

– Lá está a boa terra! A Bahia! Estou vendo o Monte Pascoal no meu binóculo que é um óculo de uma lente só!

Todos os pintos quiseram ver a Bahia por um óculo de uma lente só e o primeiro que olhou foi Pero Vaz de Caminha.

– Será que é terra ou ilha? – perguntou Pero.

– Peragora será ilha e da Vera Cruz, que não vejo mais que uma ilha – disse Cabral, que era míope e via tudo longe e pequeno. Se não for ilha, se verá depois e será terra firme de Santa Cruz.

O capitão-mor botou a escadinha e desceu da sua caravela. Todos botaram sua escadinha e desceram atrás com ele. Carecia espiar a terra de perto a ver se era boa e cheirosa. Após, tomar posse e plantar bandeira com cruz.

Pedro Álvares Cabral fincou a bandeirinha del-rei. Depois fez um discurso:

Manos pintos! Não sei se cheguei primeiro ou se os outros chegaram adiante. Só sei é que hi cheguei e cá não avisto nem vejo Vespúcio, Colombo ou Pinzon mais os mais que vinieron antes, quais Hojeda e João da Coisa. Aqui planto a bandeirinha del-rei com cruz e tudo nesta ilha de Vera Cruz mais tarde chamada terra firme Santa Cruz, país de pau-brasil e tudo!

Todos os pintos gritaram: Viva!; e assim que se fincou a bandeirinha, muitos pendões foram nascendo na ilha que alaranjava além longe, a norte-sul-oeste até o traço de Tordesilhas.

Pedro Álvares Cabral olhou a terra e exclamou:

– Ô terra graciosa! Será que dá rosa-de-santa-maria?

– Acho que não – falou Pero Vaz Caminha. – Só vejo é pé de manacá.

Os pintos então cantaram em coro com Cabral e Caminha:

– Ô terra que terra! Que terra é esta que tem de tudo e que não tem nada? Ô terra que terra! Será paraíso?

A terra era muita coisa. Era índio-índio-índio. Passarinho-passarinho-passarinho de toda cor. Mosquito de todo jeito. Cobra-cobra-cobra e até cobra-de-vidro. Mato-mato-araçá-jabuticaba-jenipapo e goiaba. Peixe-no-rio mais peixe-no-rio. E muito cheiro de flor de manacá!

A terra era mesmo paraíso. Paraíso de índio paraíso de passarinho paraíso de onça mosquito muriçoca.

Ô terra rica-de-pena-e-bico e que não tem nada! Nem casa para pinto morar. Nem cama para pinto deitar. Nem doce para pinto comer. Só mato-mato-bicho-bicho-bicho-índio-índio-índio deitado na rede com pena na cabeça, botoque no nariz, arco-flecha na mão! Índio comendo mandioca e farinha com peixe sem sal e bebendo cauim. Que coisa choca! Índio comendo mangaba-araçá-cagaita e goiaba.

Ô terra graciosa, Paraíso de índio! Que bom caçar! Que bom pescar, tomar banho no rio, comer jabuticaba e dormir de rede com pena na cabeça, pena na cintura!

Paraíso de índio é toda vida a mesma coisa. Enjoa!

– Vamos acabar com paraíso de índio deitado na rede com pena na cabeça! – disse Pinto-Calçudo.

Pinto-Calçudo chegou de sapato. Pisou com força, fez tanto barulho que acordou o índio dormindo na rede. Tirou o índio da rede e deitou ele mesmo para ver se era bom.

– Rede é bom! Sai índio! Me dá essa rede que eu quero me deitar e me balançar.

– Quem é que me empurra e me toma a minha rede e o meu paraíso? – perguntou o índio.

Índio correu e se escondeu atrás da árvore e atrás da serra. Depois foi se queixar a Tupã, que era o deus dele.

– Ô Tupã! Que índio é esse de corpo escondido e cara na sombra sem pena nem flecha? Que índio é esse que pisa que assusta passarinho? Que índio é esse de fogo e fumaça que grita e que fala o que não sei? Tupã! Isso não é índio. Tupã, que bicho é esse navegando na espuma?

Tupã não disse nada. Achou melhor não responder.

– Tupã não responde? Vou-me embora desta praia. Vou tecer minha rede lá longe do mar. Vou para a ilha do Bananal. Quero ver quem vai lá.

O índio juntou rede-tapuirama-cabaça e cocar-mundéu-maracá-flecha-tacape e foi embora depressa. Mas teve índio que se escondeu atrás de murundu-de-cupim e espiou Pinto-Calçudo dando tiro em passarinho.

– Já plantei minha bandeirinha – disse Cabral. – Posso dormir na rede. Vou dormir descansado. Mando alguém carreando carrinha a avisar a Dom Manuel que descobri a boa terra, a Bahia. Depois, daqui vou às Índias apanhar cravo e canela.

Pinto-Calçudo podia dormir de rede. Toda a terra que alaranja além-mar e aquém do traço de Tordesilhas, com tudo que tem dentro e sobre – pedrinha-borboleta-mosquito-periquito-passarinho-voando – ficou sendo de Dom Manuel agora Venturoso. Cabral dormiu descansado e depois escreveu a el-rei uma cartinha contando tudo da boa terra. Junto à carta enviou de presente e lembrança para Dom Manuel um navio cheio de passarinho-borboleta-flor-de-maracujá e tudo e um pé de manacá.

Dom Manuel ficou muito venturoso. Deu três pulos de alegria e gritou:

– Viva o Brasil – Vera Cruz – Santa Cruz! Viva o país do pau-brasil!

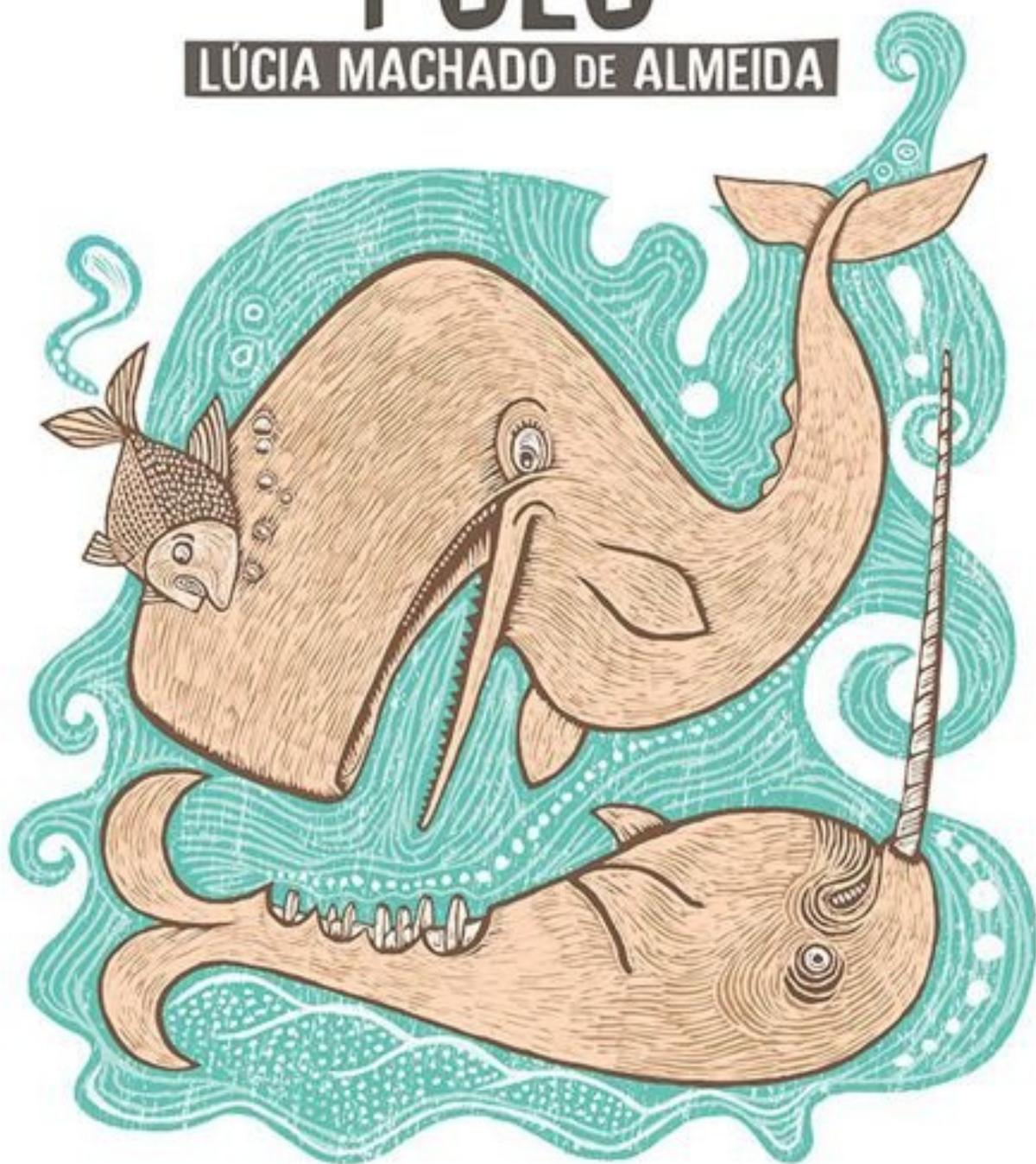
Todos os pintos daquém e dalém responderam:

– VIVA!

E lá vai a barquinha carregada de pau-brasil-papagaio-borboleta-passarinho-maracujá e flor-de-manacá.

O MISTÉRIO DO POLO

LÚCIA MACHADO DE ALMEIDA





Como é fria a água do Polo Norte, meu Deus!

Isso é natural, porque naquela zona o mar vive coalhado de enormes pedaços de gelo que ficam boiando. Deixe estar que é um lugar bem bonito!

Tudo é branco, branquíssimo. Até as montanhas da praia são cobertas de uma capa gelada de alvura deslumbrante!

É nessas praias que moram aquelas aves curiosíssimas que andam em dois pés, como a gente, chamadas pinguins. Que engraçadas são, com aquela barriga branca, asas e costas pretas! Até parece que estão de casaca...

Vivem em bandos e, quando estão com fome... *pst...*, dão um mergulho no mar e voltam com um lindo peixinho prateado no bico.

Há muitas baleias por aqueles lados. Algumas são tão grandes que chegam a medir 30 metros! E que feiura, façam-me o favor!

Os principais habitantes dos “mares árticos”, como se diz, são as focas. Que parentela enorme elas têm! Tios, cunhadas, bisavós, genros, primos em diversos graus, todos parecidos uns com os outros.

Esses mamíferos são anfíbios, isto é, podem viver tanto na terra como no mar. Bem que eles gostam de sair da água fria para se aquecerem ao solzinho morno da praia. O elefante-marinho, a morsa, o narval e o leão-marinho também fazem parte dessa família. O elefante-marinho é feio como ele só. Tem até tromba...

A morsa é diferente, toda preta, de gênio sossegado e com dois grandes dentes muito brancos saindo da boca.

O narval é manso e calado. Gorducho e grandalhão, tem mais de 6 metros de comprimento e seus caninos são ainda maiores que as da morsa.

Quanto ao leão-marinho, apesar do nome, não tem nada de selvagem. A sua cara é parecida com a do leão, mas não morde nem avança em ninguém.

Pois foi nesse lugar gelado, no meio desses bichos todos, que aconteceu uma das coisas mais impressionantes e misteriosas do mar.

Era uma vez uma Foca preta, muito estimada. Ela pertencia a uma das famílias mais antigas do Polo, e seu marido, um gordo e manso Narval, era riquíssimo. Nem por isso ela ficava vaidosa ou tratava os outros com pouco-caso. Antes, pelo contrário, era um encanto de simpatia, e todo o mundo gostava dela. Ajudava os pobres e, como tinha muito leite, distribuía-o de graça entre peixinhos doentes e sem dinheiro. A maior amiga da Foca era uma Leoa-Marinha, professora de canto.

– Mi... mi... mi... fá... fá... fá... fá... fá... solfejava ela, ensinando às suas 90 alunas.

Também era muito boa e tinha o costume de dar um passeio com a Foca depois das aulas. Certa vez, na véspera de Natal, as duas saíram levando um cesto cheio de presentes para os peixes pobres.

Iam de casa em casa entregando os embrulhos, e ficaram de voltar à tarde para jantar com a família. Pois não é que a Foca chegou sozinha e chorando?

– Que houve? O que foi? – perguntaram todos.

– Oh, desgraça! – gemeu ela, engasgada. E, entre lágrimas, contou: – Já estávamos de volta e conversávamos alegremente. Nisso, a Leoa-Marinha começou a cantar a lindíssima *Serenata Polar*. Quando chegou a hora do estribilho, fez-se um silêncio... e minha querida amiga... desapareceu! Chamei-a, procurei-a, e não houve jeito de encontrá-la. Oh! É horrível! E desatou a chorar!

– Acalme-se, minha mulher – disse o Narval, todo aflito, dando-lhe água de melissa. – Havemos de descobrir o mistério.

Mas a pobre Foca ficou inconsolável!

No dia seguinte, cedo, vieram os peixinhos doentes buscar o leite, como era costume.

– Ah! – disse ela, tristemente. – O desgosto fez secar o meu leite! Pobre de mim!...

E os peixinhos voltaram para casa de barriga vazia.

As coisas estavam nesse pé quando sumiu a melhor aluna de canto da falecida Leoa-Marinha. No dia seguinte, outra. Mais outra... E assim, dia a dia, foram desaparecendo, uma a uma, as 90 alunas.

A notícia espalhou-se pelo mar afora.

Os jornais só falavam em “O mistério da Escola de Canto”.

Vieram de longe peixes-repórteres atraídos pela notícia.

O pavor aumentava.

O Cachalote, que sempre fora o Chefe de Polícia do Mar, foi chamado para cuidar do caso e trouxe a Piabinha. Os dois conversaram muito e resolveram dar uma volta atrás dos Bancos de Gelo. Cada qual estava mais calado que o outro, pensando, pensando... Nisso, pararam de repente, e a Piabinha virou-se para o Cachalote, dizendo:

– Você não está ouvindo uns gritos? E parece-me a voz do Narval! Fique quietinho. Escutemos...

– Socorro! Socorro! O monstro! O monstro! – gritava ele, desesperado.

O Cachalote e a Piabinha, a toda velocidade, dirigiram-se para o lugar de onde vinham os gritos e recuaram horrorizados! O pobre Narval tinha acabado de morrer! Estava partido ao meio, e havia em seu rosto tal expressão de pavor e de surpresa que arrepiava a gente. A outra metade do corpo tinha sido devorada pelo monstro. Este, com certeza, sabendo que ia ser descoberto, fugira velozmente, deixando o resto de sua vítima.

Mas o que mais intrigou o Cachalote e a Piabinha foi a expressão de surpresa que havia nos olhos esbugalhados do defunto.

– É estranho – disse o Cachalote, pensativamente. – E agora, como daremos a notícia à infeliz viúva? Pobre Foca!

Ei-la que aparece despreocupadamente.

– Narval! Narval! – chamava ela.

Piabinha e Cachalote, com ar grave, aproximaram-se da Foca, dizendo:

– Minha senhora, temos um triste dever a cumprir. Seu marido...

– Meu marido? Que houve com ele? – E vendo a cara de tristeza que a Piabinha fez, compreendeu tudo. Deu um grito e caiu desacordada. Foi um custo para ela voltar a si.

Afinal, levaram-na, cambaleando, para casa, onde as amigas ficaram cuidando dela e consolando-a.

A Piabinha e o Cachalote imediatamente foram buscar um perito em “impressões dentárias” para examinar o cadáver do Narval.

Ele chegou, olhou o lugar do corte com uma lente, mediu, cutucou e disse:

– A dentada é de Esqualo, não há dúvida nenhuma. A vítima foi partida ao meio, de um bote só.

Ora, Esqualo quer dizer Tubarão. Então, a Piabinha e o Cachalote resolveram prender todos os Tubarões do Mar, embora soubessem que a família dos Esqualos era enorme. Entre eles deveria estar o assassino do Narval, da Leoa-Marinha e das alunas da Escola de Canto.

Mandaram fazer uma grande prisão com tijolos de gelo e grades de barba de camarão.

E começaram a prender os Esqualos.

Primeiro, foram atrás do Tubarão-Martelo, acompanhados de 50 Peixes-Espadas soldados.

Eles o encontraram perseguindo uma grande arraia para comê-la.

Era um peixe horroroso, todo cinza-esbranquiçado. Parecia um enorme martelo de carne, com dois olhinhos nas pontas.

– Protesto! – berrou ele, indignado. – Será que não se pode viver sossegado neste Mar?! Vocês pagarão caro por isso!

Mas, apesar de toda a zanga, foi para o cárcere assim mesmo.

O Tubarão-Peregrino era o mais manso e o maior de todos! Não foi preciso trazê-lo à força. Ele mesmo se entregou à prisão, dizendo:

– Estou com a consciência limpa e não tenho medo de nada. Achei melhor vir de uma vez.

– Esse “zinho” tem a cara de santo de pau-oco – falou o Cachalote, baixinho, enquanto o punham na prisão.

Depois foram à casa do Tubarão-Tigre.

Ele havia morrido nas vésperas de Natal, mas deixara viúva. Os peixes chegaram à casa da “Tubaroa-Tigre” com algum receio, pois o seu finado marido tinha fama de ser o mais feroz de todos os Esqualos. E como nadava ligeiro, meu Deus!

Eles a encontraram toda de preto, de luto, mais feia do que nunca! A cabeça era da mesma largura do resto do corpo, e ela tinha uma porção de dentinhos recurvados para dentro que metiam medo.

– Que atrevidões! – falou ela, irritada. – Com certeza pensam que sou eu que ando matando gente! Pois fiquem sabendo que, desde que meu marido morreu no anzol, não saio mais de casa. E sumam-se daqui! Todos para a rua! Já! – gritou ela, expulsando-os.

Foi um custo prender a “Tubaroa-Tigre”. Mas o fato é que, com barulho e tudo, lá foi ela para a prisão.

– Agora vamos atrás do Tubarão-Ama – falou o Cachalote. – Ele é muito amigo do Tubarão-Cachorro. Tomara que estejam juntos, porque assim apanhamos os dois de uma vez só.

O Tubarão-Ama era cor de chocolate e possuía nada mais nada menos que nove filas de dentes em cada mandíbula!

O Tubarão-Cachorro era esverdeado e tinha uma cara parecida com a de um cão. Seu estômago era tão grande e dilatável que podia engolir um peixe muito maior do que ele.

Os dois amigos estavam passeando juntos num jardim de anêmonas, conversando e dando gargalhadas.

– Francamente – disse o Cachalote. – Estou de queixo caído com o tal Tubarão-Ama. Nunca vi tanto dente na minha vida! Até escovar aquilo tudo levará mais de uma hora...

– Só em dentista deve gastar uma fortuna – acrescentou a Piabinha rindo.

Mas os dois temíveis Esqualos ficaram tão furiosos que foi preciso apanhá-los com uma rede.

– Dois a menos – falou o Cachalote quando os viu na prisão.

Seria algum deles o misterioso assassino que procuravam?

Ninguém sabia.

No dia seguinte, cedo, saíram atrás do Tubarão-Raposa ou Zorro.

Ele era muito antipático e tinha um rabo compridíssimo, tal qual um chicote.

Ele estava atrás de uma pedra, prestando atenção num bando de alegres peixinhos – uns arenques – que brincava de pegador.

– Vamos ficar quietos, a ver o que ele faz – disse a Piabinha.

O Zorro veio devagarzinho e, de repente, começou a sacudir a água com o rabo, como se fosse um chicote. Os peixinhos, assustados, juntaram-se uns aos outros e ficaram quietinhos, embolados num canto. Isso mesmo é que o Zorro queria. Abriu a boca imensa e, zás! de uma só vez engoliu os arenquezinhas todos.

– Alto lá – gritou o Cachalote, aparecendo na frente dele. – Ponha fora imediatamente os peixinhos que engoliu! Vamos, dê um espirro, ande!

Zorro, cheio de espanto, arregalou os olhos e espirrou com toda a força. Então, os arenquezinhas pularam de dentro da boca do tubarão e foram correndo contar à mamãe o que lhes acontecera.

– Já para a cadeia – ordenou o Cachalote ao malvado Zorro, que abaixou a cabeça e obedeceu.

O Tubarão-Azul e o Tubarão-Branco eram muito vorazes. Foi preciso esperar a noite para apanhá-los com a rede enquanto dormiam. O Tubarão-Azul era lindo! A barriga, prateada e brilhante; as costas, da cor do céu. Ninguém diria que aquela beleza toda escondia tanta ruindade. E não seria surpresa nenhuma se um deles fosse o assassino da Escola de Canto.

Afinal, os dias foram passando e, ao cabo de uma semana, todos os Tubarões do Mar estavam trancadinhas na cadeia.

Alguns eram muito distintos e protestavam sentidíssimos contra a prisão.

– O senhor compreende – falou o Cachalote a um deles, que era ótima criatura. – Eu tinha de fazer isso, mesmo contra a vontade. Os peixes estão pedindo justiça, e o único modo de esclarecer esses crimes é prender todos os Esqualos do Mar, os maus e os bons, até que, no meio deles, apareça o culpado.

O interrogatório seria no dia seguinte.

A Piabinha foi à casa da Foca, a fim de convidá-la para assistir às perguntas que o Cachalote faria aos Tubarões.

Coitadinha da Foca! Emagrecera muito e quase não conversava mais. Diziam até que o seu leite secara de tanto desgosto! Vivia quieta em casa, enrolada no seu fichuzinho preto de viúva. Quando a Piabinha chegou, ela estava lendo um livro chamado *Hábitos e Modos de uma Foca Distinta*.

– Para que isso, dona Foca? – perguntou a Piaba. – A senhora não precisa dessas coisas.

– Qual nada, minha filha – tornou ela. – Desde que meu marido morreu, só consigo distrair-me um pouco quando leio. Mas não me conformo com o assassinato do Narval, dona Piaba!

– Calma, dona Foca. Estamos tratando de descobrir o culpado. Vim até convidá-la para assistir ao interrogatório dos Tubarões, na prisão.

– Com muito prazer – respondeu ela.

E lá se foram as duas em direção à cadeia.

O Cachalote, de óculos e com ar grave, começou as perguntas.

Cada Tubarão tinha de explicar o que estava fazendo no dia e na hora dos crimes.

O Tubarão-Ama disse que fora ao dentista para umas obturações. O Tubarão-Martelo falou que tinha sido operado das barbatanas e não podia nadar. O Tubarão-Peregrino contou que estava brincando de “quatro-cantos” com os netinhos. E assim por diante...

Quase todos tinham álibis, isto é, podiam explicar e provar onde estavam e o que faziam na hora dos crimes.

O Zorro é que deu uma resposta muito engraçada:

– Eu estava na aula de surubês – explicou ele.

– Surubês? Que é isso? – perguntou o Cachalote.

– É a língua falada por um peixe de rio – tornou o Zorro.

– Mas que ideia extravagante! Para que aprender isso? – indagou o Cachalote.

O Zorro, envergonhado e vermelho, respondeu gaguejando:

– É que... É que... É que estou namorando a filha de um surubi e queria fazer bonito diante dela.

O Cachalote achou graça e falou:

– Acredito. Mas não se esqueça de me convidar para o casamento, hein?

O Tubarão-Azul e o Tubarão-Branco não tinham álibis. Eram muito grosseiros e sem educação. Quando o Cachalote perguntou onde estavam e o que faziam na hora dos crimes, gritaram com toda a brutalidade:

– Ninguém tem nada com isso!

A resposta dos dois era suspeitíssima. O assassino deveria ser mesmo um deles.

O Cachalote ordenou que todos os tubarões continuassem presos na cadeia até segunda ordem.

Mas, cinco dias depois, como se fosse um desafio, apareceu um Bacalhau “mortinho da silva” perto do Banco de Gelo.

E estava tal qual o Narval, partido ao meio e com uma expressão de surpresa no rosto.

– É estranho – pensou a Piabinha consigo mesma. – Quisera eu saber o porquê desse ar de surpresa.

Dessa vez, cem peritos em impressões dentárias vieram examinar o defunto. Todos afirmaram que a dentada era de... Tubarão!

Não era possível! Mais uma vez o Mar foi corrido e percorrido de todo o jeito. E mais uma vez tiveram a certeza de que não havia nenhum Tubarão solto.

Todos estavam na prisão!

O mistério era de arrepiar!

O Cachalote e a Piabinha conferenciavam noite e dia.

A situação era gravíssima!

Cada peixe dizia uma coisa e dava uma opinião. Ninguém dormia mais. Ficavam todos nos cafés proseando até alta madrugada.

Na farmácia, o Cachalote conversava num grupo de peixes.

– Peço a palavra – disse o Salmão, que estava cada vez mais burro.

– Lá vem bobagem – disse alguém. E veio mesmo.

– Senhor Cachalote – continuou ele – na minha opinião, o assassino é o Polvo.

– Quá... quá... quá... – fizeram os peixes, rindo. – E o sinal de dentada de Tubarão, seu bobo?

– É verdade, não me lembrava, tornou o Salmão desapontado. Mas isto não quer dizer nada. O polvo pode muito bem ter usado uma dentadura postiça. Uma dentadura de Tubarão.

– Que gracinha, hein? – falaram os peixes, quase morrendo de rir. O Salmão acabou zangado e desistiu de dar palpites.

O velho e sábio Atum foi visitar o Cachalote, que imediatamente abriu o dicionário.

Pedante, como sempre, o visitante despediu-se dizendo:

– Não procrastineis mais! Exercei, com toda a pujança, as faculdades que a mãe-natura concedeu à vossa massa encefálica! Desmascarai o famigerado sátrapa, o asqueroso sacripanta! Oh! sinto-me esquizofrênico! Segregado em meu tugúrio, engolfar-me-ei nos alfarrábios! Oxalá o vasto saber de nossos mestres de antanho dê guarida à minha errante e meditatunda mente!

– Ufa! – exclamou um Camarão. – Não é possível! Garanto que o próprio Atum não entende o que diz.

– Entende, sim – tornou o Cachalote. Ele é um poço de sabedoria. Com um mês de idade já falava três línguas e era peixinho-prodígio.

– Será que a família entende o que ele diz? – perguntou o Camarão, impressionadíssimo.

– Ora se entende – falou o Cachalote. – Pois não sabem que ele inventou uma língua só para uso particular da família?

– O quê? – fez o Camarãozinho, boquiaberto.

Depois dessa conversa, foram até a farmácia, ponto de reunião dos peixes, para ouvir os últimos boatos.

A Piabinha, como de costume, não disse nada a ninguém e começou a fazer viagens misteriosas.

De vez em quando, ia à prisão e entrevistava os Tubarões.

Certa vez, depois de um longo passeio pelos Bancos de Gelo, apareceu em casa do Cachalote com os olhinhos brilhando que nem dois diamantes.

– Dona Piaba, a senhora está com um jeitinho que não me engana – disse ele. – Conte-me o que há.

– Não me pergunte nada por enquanto, meu amigo. Só lhe peço que mande um anfíbio de toda a confiança falar comigo – tornou ela.

– O Elefante-Marinho serve?

– Serve. Preciso dele para me ajudar.

– A senhora manda e não pede – disse o Cachalote.

– Obrigada – falou a Piabinha. – Convide também todos os peixes para uma reunião esta tarde perto dos Bancos de Gelo. Diga-lhes que tenho uma boa notícia para lhes dar. Só isso. Mas não quero que falte nenhum peixe do mar, ouviu?

– Sua vontade será feita, minha amiga – tornou o Cachalote. À tardinha o Polo encheu-se de peixes. Não faltou ninguém, exceto os Tubarões presos.

Estavam todos querendo adivinhar a boa notícia que lhes fora prometida.

A Piabinha chegou pouco depois, acompanhada pelo Cachalote e pelo Elefante-Marinho.

– Está combinado – dizia ela ao Elefante-Marinho. – Quando eu der o sinal, você já sabe o que deve fazer.

Então, a Piabinha nadou até quase perto da praia, seguida pelos peixes, que estavam loucos de curiosidade.

– Traga-me a viúva do Narval – disse ela para o Cachalote.

A simpática Foca veio logo, enrolada no seu fíchuzinho preto.

– Em que posso lhe ser útil, dona Piabinha? – disse ela delicadamente.

– Preciso que você vá a terra, agora mesmo, buscar uma coisa muito importante – falou a Piabinha.

– A senhora não podia mandar outra pessoa? – tornou a Foca. – Tive gripe e estou com a perna bamba. Quase não posso andar.

– Prefiro que vá a senhora mesma – insistiu a Piabinha. A Foca, meio aflita, pensou um pouco e disse:

– Para falar a verdade, dona Piaba, eu briguei com um pinguim e não quero me encontrar com ele.

– Que mal faz isso, criatura? – continuou a Piaba, com severidade. – A senhora tem de ir de qualquer jeito!

Os peixes, sem compreenderem nada e espantados com o tom enérgico da Piaba, não sabiam o que pensar.

– Ande! Vamos! – insistiu ela ainda. – Já e já!

A Foca, desnorteada, quis fugir, mas o Cachalote não deixou.

– Agora! – disse a Piabinha ao Elefante-Marinho.

Ele saiu então atrás da Foca, empurrou-a para a praia e arrastou-a até alcançarem a terra.

Os peixes, com a cabeça fora d'água, acompanhavam tudo.

A Foca começou a dar saltos e depois, com uma voz grossa e horrível, que ninguém conhecia, berrou:

– A senhora venceu, dona Piaba. E caiu estrebuchando no chão. O Elefante-Marinho levantou-a imediatamente e, de uma vez só, abriu de cima a baixo um fecho *éclair*, que estava costurado na barriga dela. Para surpresa de todos, o couro da Foca murchou e caiu como se fosse uma capa, deixando à mostra um medonho Tubarão-Tigre!

A surpresa dos peixes foi indescritível:

– Prende! Prende! – gritavam todos.

Mas não foi preciso prender a Foca ou, melhor, o Tubarão-Tigre. O monstro estava morto lá na praia, rodeado de Pinguins.

O Elefante-Marinho contou-lhes o que sucedera e voltou para o mar.

Passado o primeiro momento de espanto e confusão, a Piabinha reuniu os peixes para explicar-lhes como havia decifrado o mistério.

– Antes de mais nada – começou ela – vou confessar-lhes que até a morte do Narval eu não tinha a menor ideia de quem poderia ser o assassino. Quando nós o achamos partido ao meio, e o perito encontrou sinais de dentes de Tubarão, comecei a fazer as minhas primeiras suposições.

– Mas estava longe de imaginar a verdade. Achei muito boa a ideia, que o Cachalote teve, de mandar prender todos os Esqualos do Mar. Estava certa de encontrar o criminoso no meio deles. Mas, como sabem, depois que todos os Tubarões estavam na cadeia, o Bacalhau apareceu morto também. Fiquei intrigadíssima. Se, de um lado, os peritos garantiam que a dentada era de Tubarão, por outro, era coisa absolutamente certa que todos os Esqualos estavam na prisão. Ora, eu não acredito em assombração e disse para mim mesma: deve haver uma explicação para isso. Algum Tubarão deve ter ficado solto por aí, disfarçado.

– Vocês devem estar lembrados de que o Tubarão-Tigre tinha morrido nas vésperas de Natal. Mas foi uma morte meio misteriosa. Resolvi pôr tudo a limpo e acabei descobrindo que o bicho estava vivo, como qualquer um de nós, mas queria passar por morto.

– Deve ser ele o criminoso! – disse comigo mesma. – Com certeza está disfarçado e muito bem disfarçado. Pensei bastante e achei que ele deveria morar lá pelos lados dos Bancos de Gelo.

– Outra coisa que me chamou a atenção foi o seguinte: todos os peixes que tinham morrido eram parentes ou amigos da Foca – a Leoa-Marinha, as 90 alunas da Escola de Canto, o Narval e o Bacalhau.

– Resolvi acompanhar disfarçadamente a Foca, receando que fosse ela a próxima vítima do Tubarão. Camuflei-me com pedacinhos de gelo para ninguém perceber minha presença e saí nadando até perto da casa dela. Uma hora estava eu lá quietinha, parada, no fundo.

Nisso, a Foca vem passando despreocupadamente.

– Olho para cima e vejo na barriga dela grande fecho *éclair* que ia de cima a baixo!

– Passado o espanto do primeiro instante, comecei a raciocinar. Liguei os fatos e achei explicações para uma porção de coisas: o leite que secara desde o dia de Natal... O fichuzinho preto constantemente enrolado na barriga para esconder o fecho *éclair* que poderia denunciar o seu crime. Horrorizada, cheguei à conclusão de que a Foca e o Tubarão-Tigre eram a mesma e única pessoa.

– Percebi claramente o que havia acontecido: o Tubarão comera a Foca e disfarçara-se com o seu couro. Era incrível! Só então é que vim a compreender por que eu a encontrara lendo *Hábitos e Modos de uma Foca Distinta*. O bandido estava estudando para melhor se disfarçar de Foca!

– Mas por que não dava leite? – perguntou o Salmão.

– Foca é mamífero e Tubarão não é – respondeu a Piabinha. – E agora vou contar, tim-tim por tim-tim, como as coisas se passaram. Lá pelo Natal, o Tubarão-Tigre resolveu fingir que tinha morrido, dando a impressão de que havia mordido um anzol. Comeu a Foca, deixou o couro direitinho, pregou um fecho *éclair* de cima abaixo e meteu-se dentro dele. Coberto com a pele, o Tubarão fingiu que era a Foca de verdade e continuou a viver como se fosse ela mesma. Mas não perdeu tempo, o malvado. No primeiro passeio que fez com a Leoa-Marinha, assim que se viu sozinho com ela, foi logo tratando de comê-la.

– Mas e a tal *Serenata Polar* que a Leoa estava cantando? – perguntou novamente o Salmão.

– Tudo isso foi invenção do Tubarão. Como ninguém assistira ao que se passara, ele, para provar o contrário, mentiu à vontade para afastar dele as suspeitas.

– Que horror! – exclamou um peixe. – Além do mais, era mentiroso!

– No dia seguinte – continuou a Piaba – ele se ofereceu para substituir a Leoa-Marinha na Escola de Canto e foi comendo, uma por uma, as pobres alunas. Certa vez, o Narval saiu com ele, certo de que estava passeando com a mulher. Imagino bem a surpresa e o pavor do Narval ao ver a Foca transformar-se naquele medonho Tubarão-Tigre! Foi nessa hora que o Cachalote e eu chegamos aos Bancos de Gelo. Ao perceber o barulho, o Tubarão largou o Narval depressa, enfiou-se no couro e veio encontrar-se conosco, já vestido de Foca, e chamando pelo marido. Que fingimento! Como todos sabem, o perito encontrou sinais de dentes de Tubarão na ferida, e todos os Esqualos foram presos. Dias depois, apareceu morto um Bacalhau. Penso que foi de propósito que o Tubarão-Tigre partiu-o ao meio! Quis deixar a marca de sua dentada, numa espécie de desafio.

– Que bandido! – disseram todos. – Com certeza estava achando que nunca seria descoberto.

– Mas – disse a Piaba – como cedo ou tarde os maus são castigados, chegou o dia em que a justiça seria feita. O resto vocês já sabem.

– E que boa ideia a senhora teve mandando o Tubarão-Tigre ir a terra buscar uma coisa – falou o Cachalote. – Ele ficou num aperto medonho.

A Piabinha sorriu e disse:

– Realmente. Viu que estaria perdido se não obedecesse e começou a dar desculpas.

– E ele? Por que não foi? – perguntou o Salmão.

– Ora, ora – disse a Piaba. – Então você não sabe que Foca é anfíbio e Tubarão não é?

– Ahn... É verdade... – tornou o Salmão.

Os peixes agradeceram muito à Piabinha por tê-los livrado do monstro e foram à cadeia soltar os Esqualos.

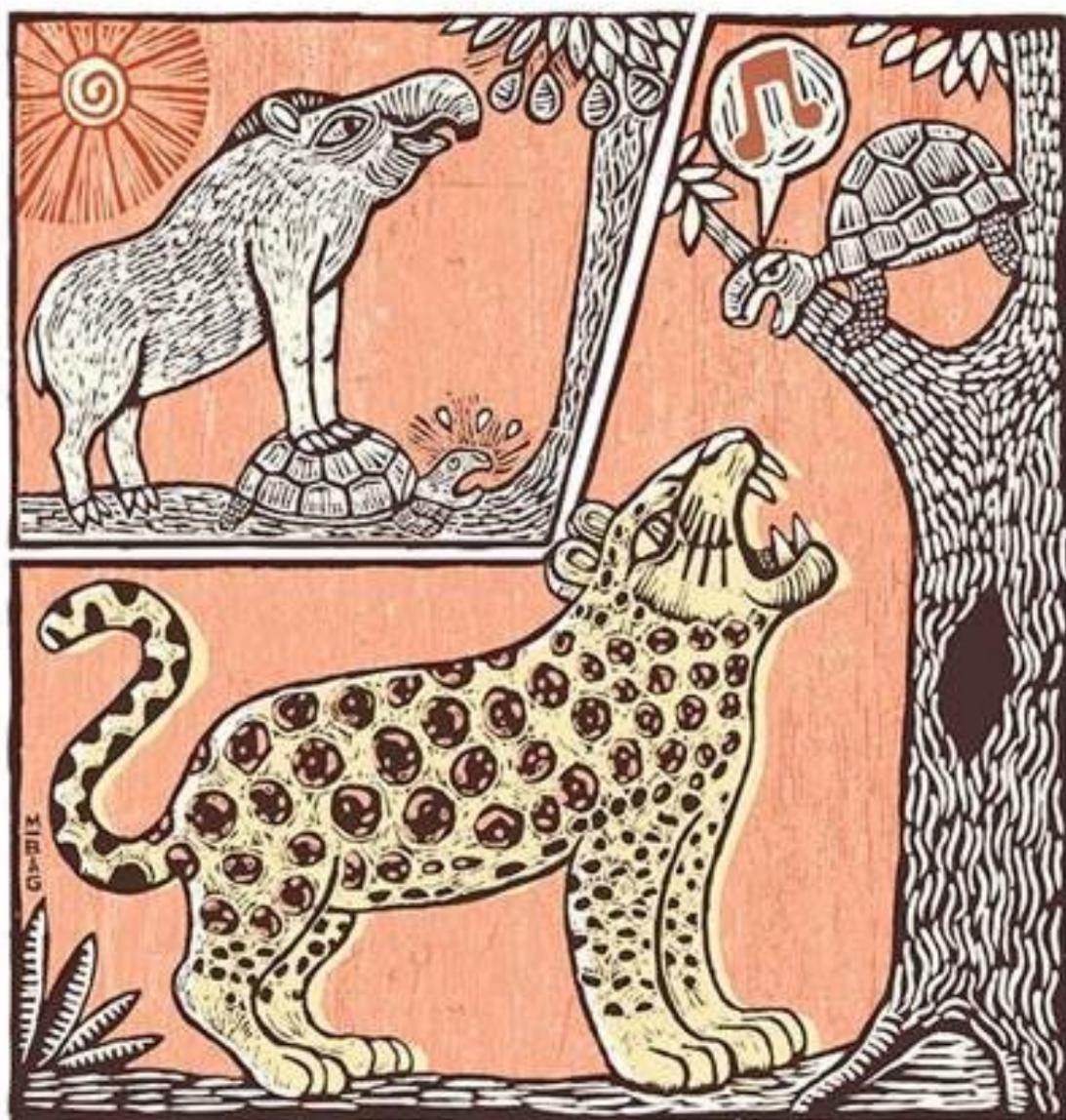
Que alegria, meu Deus!

Houve um grande baile para festejar o castigo do Tubarão-Tigre. As focas se enfeitaram todas e foram para a terra dançar com os Pinguins. E os peixes do mar fizeram até cordão de carnaval debaixo d'água...

Quanto à “Tubaroa-Tigre”, que aliás não teve culpa alguma, acabou se casando com o Elefante-Marinho, que foi bom para ela e a fez esquecer logo a ruindade do primeiro marido.

O JABUTI, A ANTA E A ONÇA

HERNANI DONATO



Estava o jabuti debaixo de um taperebá,² comendo sossegadamente as frutas tão do seu agrado, quando apareceu a anta. Vinha faminta, gritando:

– Você não sabe que todas as frutas desta árvore são minhas? Saia daqui! Vá-se embora!

O jabuti, sem perder a calma, respondeu:

– Ora essa, a árvore é da floresta, e não sua. Portanto, as frutas da árvore são de todos os animais que habitam a floresta. Se quiser, posso reparti-las com você. Há bastante para nós dois.

Mas a anta não estava para muita prosa. Queria todas as frutas, e acabou-se! Passou às ameaças:

– Saia daqui, senão piso você!

– Quero ver se é capaz! – desafiou o jabuti.

A anta não esperou mais nada. Subiu em cima do jabuti, que não pôde escapar. Como a terra ao redor do taperebá estivesse mole, o bichinho ficou enterrado. Feito isso, a anta começou a comer as frutas, sem dar a menor importância ao pobrezinho, que ia repetindo com voz sumida:

– Deixa estar, quando a chuva vier ficarei livre. Então, você receberá o castigo que merece!

A anta comeu, comeu, e foi-se embora.

Até chegar o tempo das águas, o jabuti ficou enterrado, sem comer, sem se mover. Só esperando pelas chuvas!

Afinal choveu, choveu e choveu... A terra, já mole debaixo da grande árvore, tornou-se lama. O jabuti pôde, então, libertar-se.

Saiu pela floresta à procura da anta. Não tardou a encontrar sinais antigos da sua passagem. Perguntou a esses sinais:

– Pisadas da anta, desde quando vocês estão aqui no caminho? E para onde foi ela?

O rasto³ respondeu:

– Há muito, muito tempo! Ela foi beber no rio.

O jabuti continuou procurando. Andou muito e encontrou outro rasto, menos seco do que o primeiro.

Repetiu a pergunta:

– Para onde foram os pés que deixaram vocês aqui? Os sinais responderam:

– Se você continuar caminhando na direção do rio, acabará por encontrá-los.

O jabuti chegou à margem do rio e quis saber:

– Ó água do rio, onde está a anta que veio beber?

– Não sei onde ela está – respondeu o rio. – O que é que você deseja dela?

– Quero dizer a ela que não nasci para ser pedra e viver enterrado. E se você não me contar onde está ela, irei chamar todos os meus parentes. Juntos, beberemos a sua água, até você ficar inteiramente seco!

O rio, com medo de que o jabuti cumprisse o prometido, disse:

– Procure debaixo de uma dessas árvores. A anta deve estar dormindo por aí!

Era verdade. Não custou ao jabuti descobrir a anta, que dormia. Prendeu-se fortemente com a boca no pescoço dela, disposto a não largá-la por nenhum motivo. A anta, desesperada, correu, pulou, rolou pelo chão, mas nada do jabuti afrouxar a mordida. Então, a anta sentiu sede. Entrou no rio e bebeu muita água. O jabuti, sem largar seu pescoço, também bebeu bastante. Assim, ficaram os dois tão pesados que afundaram.

O jabuti não estranhou nada o fundo do rio. Para ele era como se estivesse no mais limpo dos caminhos da mata. Mas a anta, pobre dela, não podia durar muito lá embaixo! E assim foi. Morreu logo.

Então, com grande esforço, o jabuti puxou a anta para a terra, pensando em chamar seus parentes e amigos para festejarem, todos juntos, a grande caçada.

Mas à sua espera encontrou a onça. A fera foi logo perguntando:

– Olá, jabuti, quer que eu o ajude a preparar um belo assado de anta? Sou especialista nisso!

A ideia pareceu muito boa ao jabuti, que respondeu:

– Obrigado, amiga onça. Aceito o oferecimento. Mas, em vez de um assado, prepare dois, um para mim e outro para você.

A fera, que naturalmente estava com um plano pronto para ficar com toda a caça, aconselhou ao jabuti:

– Ótimo! Vamos fazer as coisas bem-feitas! Enquanto preparo a carne, você vai recolher a lenha para uma fogueira. Fazemos um banquete como nunca houve outro. Você verá!

O jabuti, que de nada desconfiava, saiu pela redondeza à procura de lenha.

Quando voltou, cansado e curvado ao peso de um bom feixe de lenha, não encontrou nem sinal da onça e nem da anta. Só então compreendeu que havia sido enganado.

Mas não se desesperou. Disse:

– Deixa estar! Todos os que costumam enganar acabam sendo enganados. A anta foi bem castigada.

Você também o será!

Tempo depois estava ele novamente debaixo do taperebá quando num dos galhos da árvore apareceu um guariba,⁴ que lhe propôs:

– Amigo jabuti, você não gostaria de experimentar as frutas aqui em cima? Colhidas no galho, são mais fresquinhas e gostosas! Ih! Só vendo, fazem água na boca!

– Pode ser verdade – disse o jabuti. – Mas como é que vou subir até aí?!

O guariba, que não queria senão brincar, explicou:

– Muito fácil! Eu o carrego até aqui. Você come à vontade e, quando disser que chega, torno a levá-lo até o chão. Está bem assim?

O jabuti, não cabendo dentro da casca de tão contente, até bateu palmas, gritando:

– Sim, sim! Ótimo! Desça, venha me buscar!

O guariba desceu, tomou o jabuti numa das patas/mãos, subiu até o galho mais alto, deixou o bichinho numa forquilha, pulou para a árvore mais próxima e... desapareceu!

Imaginem a situação do jabuti!

Nem sequer podia mover-se. Para disfarçar o medo e passar melhor o tempo à espera de que alguma coisa acontecesse para livrá-lo, começou a cantar. É sabido por todos, na floresta, que o jabuti é dos animais que mais apreciam a música e o canto.

Então, aconteceu que a onça, andando por perto e com muita fome, pois não comia desde a véspera, ouviu o jabuti e pensou:

– Ali está o bicho mais tolo da mata. Vai ser o meu jantar! Aproximou-se da árvore e gritou:

– O que é que você está cantando?! Saiba que isto é um desaforo, e eu não suporto desaforos de ninguém!

O jabuti, que não estava em boa situação e não querendo arranjar outro motivo para preocupações, respondeu com bons modos:

– Não há desaforo nenhum. Estou cantando uma canção que não pode incomodar uma onça, porque não fala de onça nenhuma!

– Mentira! – rugiu a onça. – Bem que ouvi! A sua canção diz que canela de onça é o melhor osso para se fazer uma flauta. Isto é um desaforo e, por causa dele, você vai servir para meu jantar de hoje! Trate de descer sem demora!

Para acabar de vez com as esperanças do pobre animal, ela ainda avisou:

– E se não descer já e já, eu é que subo até aí! Você sabe que posso subir em árvores tão bem como qualquer macaco!

Não mentia. O jabuti sabia que a onça poderia subir com a máxima facilidade.

Como se não tivesse mesmo o que escolher, o jabuti voltou-se para baixo e, fingindo resignação, perguntou:

– Como é que você me quer aí embaixo, inteiro ou em pedaços? A fera estranhou a pergunta, mas como o seu desejo era mesmo comer, fosse de que jeito fosse, respondeu:

– Inteiro! Fica por minha conta fazer você em pedaços. Era o que o jabuti desejava ouvir.

– Pois então – ele pediu – você deve abrir a boca para me receber. Do contrário, eu me arrependo de encontro ao chão.

A onça, com a fome que trazia, não quis pensar em mais nada. Colocou-se debaixo do galho onde estava o bichinho, abriu a boca o mais que pôde e avisou:

– Pode pular!

O jabuti calculou o pulo. Não para a boca, e sim para o focinho da fera, que é a parte mais sensível.

– Lá vou eu... – gritou. – Um... dois e... três! Caiu de costas, com a sua dura carapaça em cheio sobre o focinho da onça. O choque foi tão forte e a dor tão grande que a onça não resistiu. Morreu ali mesmo!

O jabuti levantou-se, limpou-se e foi chamar os bichos moradores na vizinhança. Quando todos viram bem de perto como havia acabado a onça, ele disse, à moda de conselho.

– Aí está a prova de que a força bruta nem sempre vence! Por essas e outras proezas é que o jabuti ganhou, entre os índios, a fama de ser um dos bichos mais espertos da floresta.

A SABATINA DA TABUADA

VIRIATO CORRÊA



N

os dois anos e meio em que alisei os bancos da escola da povoação, não houve para mim dia pior do que aquele da sabatina de tabuada.

Saí de casa com o coração deste tamanho, pressentindo coisas ruins.

Eu havia assistido a várias arguições de tabuada das classes mais adiantadas e aquilo me causara estranha confusão na cabeça.

A sabatina de tabuada era, realmente, o grande pavor dos meninos do meu tempo.

O professor chamava 15, 20, 30 alunos, colocava-os de pé, em fila, conforme a ordem de chamada, e fazia-lhes perguntas.

A resposta devia ser dada imediatamente, em quatro ou cinco segundos. Se o aluno da ponta da fila não respondia acertadamente, o professor, com rapidez, passava ao segundo, ao terceiro, ao quarto, ao quinto, aos outros.

– Adiante, adiante, adiante, ia ele dizendo apressadamente, de indicador esticado, apontando menino a menino.

Quem acertava ia buscar a palmatória em cima da grande mesa e dava um “bolo” em cada companheiro.

Se, de ponta a ponta, todos erravam, o professor é quem dava os “bolos” de ponta a ponta.

As perguntas se organizavam de propósito para embaraçar: três vezes sete, multiplicado por doze, menos cinquenta e dois, dividido por cinco.

Em poucos segundos, o aluno devia calcular mentalmente:

$$\begin{array}{r} 7 \\ \times 3 \\ \hline 21 \end{array} \quad \begin{array}{r} 21 \\ \times 12 \\ \hline 252 \end{array} \quad \begin{array}{r} 252 \\ - 52 \\ \hline 200 \end{array} \quad \begin{array}{r} 200 \overline{) 5} \\ 00 \quad 40 \end{array}$$

Quem ficava no começo da fila não tinha tempo nenhum para isso. Os cálculos só podiam ser feitos pelos que a sorte colocava na extremidade oposta.

Quando a pergunta chegava ao meio do caminho, já os últimos meninos agitavam o indicador da mão direita, dizendo nervosamente:

– Eu sei, professor, eu sei.

Não tive sorte: o professor chamou-me em terceiro lugar.

As perguntas passavam por mim sem que eu tivesse tempo de concluir os cálculos.

Não dei uma resposta certa. Os “bolos” estalaram cruelmente nas minhas mãos.

Dez minutos depois de começada a prova, eu já não suportava as palmatoadas e abria num berreiro.

O velho João Ricardo ralhava comigo sem piedade.

– Cale essa boca! Quem não quer apanhar estuda! Por que não estudou?

O argumento durou hora e meia, sem uma pausa.

Minhas mãos encheram-se de calos de sangue e dois deles rebentaram aos últimos “bolos”.

Quando entrei em casa, minha família estava quase toda reunida no avarandado da rua.

Atirei-me, soluçando, nos braços de minha mãe. E quando ela me viu de mãos inchadas e sangrando, voltou-se dolorosamente para meu pai.

– Veja! Isto é coisa que se faça?

Meu pai examinou devagar as minhas mãos.

– Que foi isto? – perguntou. Contei.

Pôs-se a andar silenciosamente ao comprido da varanda, as mãos para trás e uma ruga na testa.

Minutos depois exclamou com a voz abafada:

– Eu sempre achei bárbaro o argumento da tabuada, sempre. Tio Olavo, de cigarro de palha ao canto da boca, atalhou:

– Qual bárbaro, qual nada! No meu tempo era mais rigoroso do que hoje e ninguém morreu por apanhar. Sem palmatória é que não pode haver ensino.

– Mas não há necessidade de arreentar as mãos das crianças – retrucou minha mãe, com duas lágrimas brilhando nos olhos.

Tio Olavo era um homem áspero, teimoso e que, apesar de maduro, se arrebatava facilmente como um rapaz.

– Criança merece sempre bordoadas – disse com o seu vozeirão. – O professor nunca é injusto. Às vezes pensamos que ele castigou demais. É engano. Quando o castigo é demais nesta falta, serve para suprir o que foi insuficiente ou nenhum naquela outra. Bordoada nunca faz mal à criança.

– Isso é muito fácil de dizer quando o filho é alheio – replicou minha mãe.

E, depois de uns instantes de silêncio, afirmou com a inabalável decisão das crianças calmas e suaves:

– O Cazuzza não vai mais à escola. Aprende aqui mesmo em casa. Depois ele aprenderá na vida.

À noite, quando me deitei, dormi imediatamente.

E sonhei. Um sonho muito leve, muito doce e muito bonito.

Eu ia andando por um caminho liso quando, de repente, me surgiu uma escola diante dos olhos. Era uma escola diferente da que eu conhecia – grande, numa grande casa que parecia um palácio.

Para chegar-se à porta, atravessava-se um largo jardim florido. Tinha-se a impressão de que o jardim continuava lá dentro, tantas flores lá dentro havia nos jarros, nas mesas e nos outros móveis. Pelas janelas abertas, o sol entrava luminosamente. As paredes, cobertas de mapas, quadros e desenhos, davam aos olhos um efeito deslumbrante. Havia um mundo de crianças nas salas. E tudo alegre, risonho, em liberdade. Uns escreviam, outros desenhavam, outros organizavam coleções de insetos, ou liam, ou traçavam figuras no quadro-negro.

Estavam sentados apenas os que precisavam estar sentados; moviam-se os que tinham necessidade de se mover. E todos trabalhavam. Sentia-se que aquela gente cuidava gostosamente dos seus deveres, sem receio de castigo, sem medo de ninguém.

E o professor que eu não via? Não era um só, eram muitos professores.

Se não me dissessem, eu não acreditaria. Tinham tanta bondade no rosto, tanta brandura, delicadeza e carinho para a meninada, que eu pensei que fossem apenas companheiros mais velhos dos alunos.

Fiquei à porta, silenciosamente, olhando maravilhado para tudo aquilo. Um menino veio ao meu encontro.

– Entra – disse, pegando-me a mão. – Aqui não existe rigor de cadeia, nem palmatória, nem sabinas de tabuada.

Acordei.

A COBRA QUE ERA UMA PRINCESA

JOSÉ LINS DO REGO





avia nos tempos antigos um reino que não era feliz porque a sua rainha nunca tivera um filho.

O rei andava triste, vendo a hora em que ficaria velho, morreria e não poderia deixar uma pessoa do seu sangue no trono.

O povo fazia promessa, a rainha rezava, e nada de aparecer o herdeiro tão desejado. Um dia, no toque das ave-marias, a rainha perdeu a paciência e disse uma coisa que não devia dizer:

– Permita Deus – disse ela – que eu tenha um filho nem que seja uma cobra.

Depois de tempos pareceu que a rainha ia ter mesmo um filho. O rei mandou festejar a nova com festas que não pararam. De noite e de dia o povo dançava e cantava na frente do palácio. Ninguém pagou mais impostos, o rei andava de dentes arreganhados de contente, satisfeito, tratando seus escravos com brandura. E foi assim até que em um dia de tempestade, com trovões e raios cortando as nuvens, a rainha deu à luz uma menina muito bonita, de olhos azuis, de cabelos louros, uma belezinha. Mas a menina tinha nascido com uma cobrinha enrolada no pescoço. Todo o mundo na casa do rei ficou desgostoso. A rainha quando olhava para a filha caía em prantos. E ninguém queria chegar perto do berço com medo da cobra. Vieram os médicos dos outros reinos, doutores, rezadores, adivinhos, e quanto mais se fazia para tirar a cobra do pescoço da princesinha, mais a cobra se grudava à linda menina.

E foram os anos correndo. E foram correndo os anos. A princesa criou um afeto de irmã à cobrinha, que era verde e tinha uma cabeça com olhos de gente. Horas inteiras ficava a princesa brincando com a cobra na beira do mar. E quando a cobra via as ondas, gostava de sair do pescoço da princesa e passear feliz por elas. Ficava tão longe da terra que a sua amiga nem via para onde ela ia. E por isso começava a chorar com medo de que a cobrinha não voltasse mais. Chorava tanto que a cobrinha voltava outra vez para o pescoço da menina, enrolava-se, unia-se com a sua amiga, e as duas voltavam juntas para o palácio do rei, onde ninguém sabia dessas brincadeiras na praia. Mas lá um dia, a cobra entrou mar adentro, foi mais longe do que das outras vezes. A princesa chorou, chorou muito, até que ela voltou para falar:

– Minha rica princesa, chegou o meu dia, vou para longe, para bem longe, para uma terra que fica mil léguas mais abaixo do que o fundo do mar. Vais ficar sozinha, mas não tem nada não, minha irmã,

eu não te abandono, eu te acudirei sempre que for preciso. O meu nome é Labismínia. Grita por Labismínia, e podes ficar descansada que eu venho te valer.

E, dito isso, a cobrinha correu para dentro do mar. A princesa ficou parada na beira da praia chorando. Tantas lágrimas corriam dos seus olhos como um riacho de vertentes. Depois, calou-se. Labismínia, a sua irmã, se fora. E ela estava só no mundo, sozinha.

Em casa, quando a Princesa Maria chegou sem a cobra no pescoço, foi um rebuliço. O rei dançou de contente, mandou logo preparar uma grande festa, chamou os reis dos outros reinos. O povo comeu bolo e, para ele, mataram bois e carneiros. Os escravos trabalharam sem as algemas nos braços e nos pés. Mas a Princesa Maria estava triste. Nem parecia que tudo aquilo era para ela.

Todas as manhãs, quando o sol nascia, ela ia para a beira do mar, para ver se Labismínia aparecia. E o sol chegava de longe, de muito longe e não trazia notícias de Labismínia.

À tarde, a princesa voltava para a praia onde brincara tanto com a sua amiga. Queria ver se a lua dizia alguma coisa. A lua podia contar se tinha visto Labismínia, se tinha passado pela terra de sua irmã. A lua boiava em cima das águas do mar. Mas nada. Nem a lua e nem o sol davam notícias de Labismínia, que estava numa terra que era mais longe mil léguas que o fundo do mar. A princesa chorava. Quisera Deus que ela fosse para a terra que ficava a mil léguas mais abaixo que o fundo do mar. Ah! se ela pudesse descer como peixe, fugir do mundo e se encontrar outra vez com Labismínia! O seu pescoço já estava acostumado com a cobra.

E assim foi até o dia em que todo o reino entristeceu. O rei mandou botar as algemas outra vez nos escravos, o rei obrigou o povo do seu reino a rezar. A razão era a rainha, que tinha começado a adoecer. Não houve médico que soubesse o que era. Vieram doutores de todos os cantos da terra, feiticeiros de todos os cantos do mundo. E quando a rainha sentiu que ia morrer, chamou o rei e, na frente da corte inteira, falou para o marido:

– Quando tiveres que te casar outra vez – disse ela tirando um anel do dedo –, só poderá ser com a princesa em cujo dedo couber este anel que te dou.

O rei chorou muito, mas, depois de tanto pranto, começou a pensar no seu novo casamento. Para isto mandou mensageiros para todos os lados da terra. Primeiro, para princesas de Castela. E o anel não coube no dedo de nenhuma. Depois, para as filhas dos pares da França. Nada. O rei mandou então falar com o soberano da Inglaterra. No entanto, não apareceu princesa nenhuma para o anel do rei. Na corte da Áustria foi a mesma coisa. E assim levou um tempão. O rei já estava mesmo convencido de que não acharia outra moça para se casar, quando se lembrou da princesa sua filha, que era a maior beleza do mundo. Quem sabe, pensou ele, se aquela cobra no pescoço de Maria não seria um sinal de Deus para que ele se casasse

com a sua própria filha? Assim pensando, mandou chamar a princesa. E o anel deu no dedo de sua filha como se tivesse sido feito para ela.

Quando a princesa soube das intenções de seu pai, correu para a beira da praia e começou a chorar alto, a chorar muito, derramando lágrimas como um olho-d'água de pé de serra.

– Labismínia, Labismínia – gritava ela –, vem me acudir!

Um barulho cresceu do fundo do mar. Uma onda grande bateu nos seus pés, e a cobrinha verde, de olhos de gente, apareceu na sua frente, como por encanto, dizendo logo para ela:

– Por que chora a linda princesa, minha irmã?

Maria contou toda a sua história. Era a mais desgraçada moça das moças da terra, pois teria que se casar com o próprio pai.

– Não tem nada não, minha irmã – disse-lhe Labismínia. – Eu te salvarei de tudo. Pede ao rei que para que cases com ele é preciso que ele te dê um vestido da cor do campo com todas as suas florzinhas.

Depois, o mar fez outro barulho medonho e uma onda levou Labismínia para as profundezas.

A Princesa Maria voltou para casa consolada, e disse para o pai o seu desejo. O rei ficou espantado com o pedido da filha, mas não se desiludiu. Mensageiros, criados, escravos saíram pelo mundo atrás do vestido.

A princesa, no palácio, já estava descansada, quando apareceu o pai com o vestido pedido, que tinha a cor do campo com todas as suas florzinhas.

– Dou-te – disse o rei – o vestido dos teus desejos. Custou-me mais caro que o reino que ganhei na batalha com os mouros.

A princesa olhou para o vestido, que era uma beleza como ela nunca tinha visto. Mas tão logo pensou no casamento, começou a chorar outra vez. E com aquela agonia no coração correu para a praia, gritando pela cobra:

– Labismínia! Labismínia! Vem me salvar!

Aí, o mar deu um gemido, e uma onda trouxe aos pés da princesa a cobrinha verde de olhos de gente.

– Labismínia – disse a princesa –, o rei meu pai mandou gente pelo oco do mundo procurando um vestido que tivesse a cor do campo com todas as suas florzinhas. É uma beleza, Labismínia, mas eu não quero me casar com meu pai.

– Não tem nada não – disse a cobrinha – não tem nada, não. Pede a ele outro vestido, um vestido da cor do mar com todos os peixinhos.

A Princesa Maria se consolou outra vez. E uma onda grande, toda de espuma branca, levou Labismínia para o fundo do mar.

O rei, quando soube do novo pedido da princesa, botou as mãos na cabeça. Onde encontrar um vestido daqueles? Mas tinha que se casar com a sua filha. E mandou outra vez os seus mensageiros pelo mundo afora.

Um dia, chegou o vestido da cor do mar com todos os seus peixes, e ele deu o vestido à filha. A princesa achou uma beleza, muito mais bonito que o outro. Vestiu-se com ele, olhou-se nos espelhos do palácio mas, quando se lembrou que tinha que se casar com o pai, deu para chorar. E foi para a praia atrás de Labismínia. A cobrinha não tardou a chegar para consolar a irmã.

– Não tem nada não, minha irmã Maria. Não precisa chorar tanto, Labismínia tem que achar um jeito. Volta e pede a teu pai um vestido da cor do céu com todas as estrelas. Não precisa chorar, minha irmã querida.

E fez tantos agrados que a princesa voltou para casa contente da vida. Foi logo falar com o pai. Queria um vestido da cor do céu com todas as estrelas.

O rei ficou em desespero. Onde encontrar um vestido daqueles? Chamou então os seus vassalos, chamou o seu tesoureiro, abriu as suas arcas e disse:

– Danem-se pelo mundo. Tragam-me este vestido, nem que me custe todo o ouro que eu ganhei na guerra com os turcos.

E saíram os mensageiros pelo mundo. A princesa, de contente, cantava. Saía pelo jardim passeando no meio das roseiras, que cheiravam tanto como se cada uma fosse um frasco de cheiro. Os passarinhos dos arvoredos cantavam. Muitos vinham brincar aos pés da princesa, que era a criatura mais alegre deste mundo. A Princesa Maria brincava com os pássaros, feliz, contente, com a confiança que tinha em sua irmã Labismínia.

E foram-se os tempos. Mas lá um dia chegou o rei na sua camarinha. Atrás dele vinham cem escravas que traziam nas mãos o vestido que ela tinha pedido ao pai. As estrelas do céu na seda azul brilhavam como se fossem de diamante. A cauda do vestido ia tão longe que ela nem via o fim.

– Minha filha – disse-lhe o rei –, eu te trago a maior riqueza de todos os reinos da terra. Por este vestido eu dei todo o ouro e todas as pedrarias que eu trouxe das guerras com os turcos. Agora, minha filha, vamos marcar o dia do nosso casamento.

A princesa nem esperou que o pai saísse do quarto. Foi logo caindo no chão, chorando. Tinha sido enganada por Labismínia! E na beira da praia foi chamar pela companheira, dando gritos de dor. Corriam lágrimas dos seus olhos como água de uma biqueira de casa-grande.

– Labismínia, Labismínia, onde está a minha cobrinha do coração?

Ouviu-se um barulho que vinha do fundo do mar. E a cobra verde de olhos de gente chegou-se para a princesa que chorava. Maria lhe contou tudo.

– Não faz mal – disse a cobrinha. – Volta para casa, arruma as tuas malas com todos os vestidos que teu pai te deu e volta para a beira do mar. Aqui onde estou encontrarás um navio que te levará para um reino bonito, bem longe deste mundo onde tens sofrido tanto, minha irmãzinha do coração. Mas olha bem: quando estiveres vivendo o dia mais feliz da tua vida, grita por mim três vezes, para que eu me desencante e volte a ser a princesa que eu sou.

Dito e feito. A Princesa Maria fugiu com seus vestidos no navio que Labismínia mandara para ela.

O rei tinha saído para uma caçada. A princesa encheu o navio com as suas malas.

E foi-se para o reino desconhecido.

Lá chegando, fez tudo como Labismínia lhe tinha dito. Saltou em terra e, quando reparou, não viu mais o navio, nem viu mais as malas com seus vestidos. Ela estava transformada em uma criada, uma pobre moça, na mais pobre moça da terra. Ao chegar ao reino desconhecido, foi pedir emprego à rainha que, ao ver aquela criatura tão pobre, mandou que fosse tomar conta do galinheiro.

Maria dormia no meio das galinhas, suja como ela nunca tinha visto qualquer servidor de seu pai. De noite chorava, percebendo que Labismínia tinha mentido para ela. Coitada dela, que era a moça mais pobre do mundo! Mesmo assim, a Princesa Maria ainda dava graças a Deus. Melhor dormir com as galinhas do que se casar com seu pai. Cadê o príncipe que Labismínia havia lhe prometido?

Passados tempos, começaram no reino a falar numa festa muito grande que iam dar na cidade perto do castelo.

E no dia da festa falada, à boca da noite, Maria começou a reparar nas carruagens que passavam tilintando pela estrada. Então, depois de agasalhar as galinhas, ela ficou pensando na vida. Era a moça mais pobre deste mundo de Deus. Todos iam para a festa do castelo, os pobres e os ricos, e só ela ficava ali, cheirando a sujeira das galinhas do rei. Mas tudo isto era melhor do que se casar com seu pai.

Estava ela com este pensamento na cabeça, quando ouviu uma voz que vinha de longe:

– Toma a tua carruagem, Maria, e vai para a festa.

De repente, ela se viu com seu vestido da cor dos campos com todas as suas florzinhas. Uma carruagem de arreios de prata, com seis cavalos pretos, esperava por ela.

E foi assim que a Princesa Maria foi para o baile mais falado da cidade. Quando ela entrou no salão, causou admiração em todo o mundo. Nunca tinham visto uma princesa mais rica e mais linda. O seu vestido enchia tudo de beleza. Era como se o campo mais belo da terra tivesse entrado sala adentro, com todos os seus perfumes, com todas as suas cores. O rei e a rainha quiseram logo conhecer aquela princesa

de tanta distinção. E quem mais reparou em Maria foi o filho do rei, um príncipe muito lindo, de olhos pretos. Mas a princesa não ficou até o fim da festa. Quando os trovadores começaram o seu número, ela voltou na carruagem para o seu canto, no castelo.

No outro dia, era no que se falava, no palácio do rei: de que reino seria aquela princesa, de trajes tão belos, de cabelos tão louros, de olhos tão azuis? O príncipe só falava sobre ela com sua mãe. De outra coisa não queria saber, a não ser daquela moça do vestido que tinha a cor do campo com todas as suas florzinhas.

Na noite seguinte havia outra dança na cidade. Pelo caminho que ia para a cidade Maria via passar gente de carruagem. Bem triste ela estava vendo tanta gente feliz, tanta moça amada, e ela ali no meio das galinhas, tão pobre e tão só.

Apesar disso, tudo lhe parecia melhor do que se casar com seu pai. Daí a pouco, ela ouviu uma voz muito conhecida:

– Maria, Maria, toma a tua carruagem e vai para a festa. Esperando por ela já estava uma bela carruagem com arreios de ouro com dois cavalos pampas. E com o seu vestido da cor do mar com todos os peixinhos a princesa desconhecida entrou no salão, assombrando. O espanto do povo ainda foi maior do que na outra noite. Aonde fora aquela moça em busca de vestido tão belo? O vestido da rainha perto do de Maria parecia uma roupa pobre. E por onde Maria passava, passava uma onda de cheiro. Os seus cabelos de ouro, os seus olhos azuis não pareciam de gente, de tão formosa que era. O príncipe não tirava os olhos de cima dela. Corria um zum-zum pela sala. De onde tinha vindo aquela moça?

Os cocheiros na porta do palácio olhavam de boca aberta para a carruagem. De arreios de ouro, toda de vidro, a carruagem de Maria deixava para trás o cabriolé do rei, que parecia um carro comum junto do dela. Cavalos enormes – nunca tinham sido vistos tão grandes por aquela redondeza. E o cocheiro vestido como um grande da corte. Aquilo é que era riqueza!

Quando os trovadores começaram a cantar, a princesa retirou-se para o seu pobre quarto, onde foi dormir no meio da sujeira das galinhas.

No outro dia, na corte, só se falava na bela princesa. O príncipe não ficava parado. Espias já estavam por todos os cantos da estrada para ver de onde vinha e por onde passava a mais bela princesa que já atravessara as estradas reais. No seu canto, Maria nem dava sinal de orgulho. Misturada às galinhas, suja, ela ainda dava graças a Deus. Melhor tudo aquilo do que se casar com seu pai.

À tarde, quando ela ia tangendo as suas galinhas para o galinheiro, viu o príncipe de olhos pretos parado na estrada.

– De onde vieste tu, criadora de galinhas? – disse ele olhando para o rosto da moça. – Ontem vi na festa da cidade uma princesa que tinha a tua cara!

Tremendo de medo, Maria respondeu:

– Quem sou eu, minha Alteza, para me parecer com a mais bela princesa da vossa festa?

O príncipe saiu de cabeça baixa. Naquele dia seria a última noite de festa. Maria, sentada na porta de seu quarto, olhava a lua bem redonda saindo do céu, cobrindo tudo de prata. Vinha um ventinho de longe soprar os cabelos encantados da princesa. Pela estrada as carruagens corriam para o baile. Nesse instante, ela ouviu a voz macia de Labismínia:

– Maria, toma a tua carruagem e vai para a festa.

Uma carruagem com arreios de brilhantes, com seis cavalos brancos, esperava pela mais bela princesa da Terra. Quando Maria deu fé, estava com seu vestido que tinha a cor do céu com todas as estrelas.

No salão da festa todo o mundo parou para olhar para ela. Interromperam-se as danças, parou a música. A princesa entrou e só se via gente admirando o que ela trazia de belo. O príncipe ficou tão cheio de amor que correu para a princesa e caiu aos seus pés, beijando-lhe o vestido, com lágrimas nos olhos.

– Minha bela princesa, guarda contigo esta lembrança – disse ele.

E deu a Maria uma linda joia.

Na hora em que os trovadores cantaram, voltou outra vez a princesa para o seu quartinho.

O príncipe, de tanto amor que sentia por ela, caiu doente de cama. Nada existia para ele; não comia, não dormia, suspirava pela princesa que fora embora. A rainha chamou todos os doutores do reino para ver o filho naquele estado. Mas ninguém sabia o que ele tinha. Coitado, nem uma sopa aceitava tomar. Da mão de ninguém ele consentia em receber comida ou bebida. A pobre mãe pedia a outros que ajudassem o príncipe, para ver se o filho aceitava de alguém o que não queria receber de suas mãos. Mas o príncipe se negava. Queria morrer, dizendo para todo o mundo que só a bela princesa da festa existia para ele. A rainha chamou, uma por uma, todas as mulheres e as filhas dos seus vassallos, mas o príncipe não queria olhar para nenhuma. Foi quando se lembraram da moça do galinheiro. Maria foi chamada para o paço. A rainha logo lhe deu ordem para levar ao quarto do príncipe a sopa que ele não queria tomar da mão de ninguém.

– Minha rica senhora – respondeu Maria –, quem sou eu para merecer tanta honra de Vossa Majestade? Tudo o que eu posso fazer é preparar um caldo.

A rainha aceitou, de tão aflita que estava.

Maria preparou o caldo e dentro da xícara colocou a joia que o príncipe lhe havia dado na festa.

Quando o príncipe mexeu com a colher o caldo na xícara, viu a joia. Levantou-se da cama, gritando para a mãe:

– Mãe, estou bom. Ordena trazer aqui a criatura que preparou o caldo.

Mandaram chamar a criadora de galinhas.

Ao chegarem os mensageiros ao galinheiro, encontraram a princesa da festa com o seu mais belo vestido e cem escravas para lhe servirem de criadas, mil malas de rouparia e três grandes carruagens.

Assim, a Princesa Maria casou-se com o príncipe de olhos pretos. Era o dia mais feliz de sua vida, mas na festa de casamento esqueceu-se de chamar três vezes por Labismínia, como havia prometido.

Não foi desencantada a pobre princesa. Ficou cobrinha para toda a vida, com aqueles olhinhos de gente.

É por isso que ainda hoje o mar geme tanto, grita tão alto, soluça, faz barulhos constantes. É a pobre Labismínia que, do fundo do mar, chama pela irmã ingrata que não se lembrou dela no dia mais feliz de sua vida.

AS BOTAS-DE-SETE- -LÉGUAS

MONTEIRO LOBATO



Naquele enorme hotel de 30 andares há um porteiro quase do tamanho de um andar. Está sempre ali pela calçada, vestido de comprida sobrecasaca cinza, com uma fila de botões de metal dourado na frente e dois atrás. Nos dias de chuva, assim que chega um automóvel com hóspede dentro, ele abre um enorme guarda-chuva vermelho e vai ao seu encontro. Para um hotel, nada mais precioso que um “hóspede”! É preciso que não tome nem uma só gota de chuva.

Estava eu, certo dia, parado diante desse hotel à espera de um amigo, observando as manobras do porteiro gigante com o seu guarda-chuva, quando percebi uma coisinha mexendo-se na calçada. Baixei os olhos e franzi a testa. Uma coisinha viva. Besouro? Mariposa? Não. Uma gatinha! A mais galante das gatinhas! Um dos mais famosos personagens do Mundo-das-Fábulas: o Pequeno Polegar!...

Muito surpreendido com o encontro, peguei-o e botei-o na palma da mão.

– Polegarzinho querido, como é que se atreve a andar assim por estas ruas tão cheias de gente, com as botas-de-sete-léguas ao ombro, em vez de calçadas? Este porteiro gigante que navega por aqui, de um momento para outro te esmaga com o seu imensíssimo pé... Como quem possui uma bota-de-sete-léguas anda assim com ela ao ombro?

Polegar explicou que viera à cidade justamente por causa das botas. Uma delas, a do pé esquerdo, havia se estragado, de modo que em vez de caminhar sete léguas a cada passo que ele dava, apenas caminhava uma. Isso o impedia de usar as botas.

– Por quê?

– Porque se dou um passo com o pé direito e avanço sete léguas e, em seguida, dou o passo com o pé esquerdo e só avanço uma, o passo seguinte do pé direito já não poderá ser de sete léguas e sim também de uma. E minhas botas-de-sete-léguas ficam assim reduzidas a botas de uma légua – o que é uma vergonha.

– Quer dizer que a bota esquerda atrasa, como um relógio...

– Isso mesmo. E vim a esta cidade para ver se algum sapateiro a conserta.

– Não sei, não sei, Polegar. Estes sapateiros daqui só sabem botar meias-solas e saltos. Não sei se saberão consertar atraso de bota. Vai ficar hospedado neste hotel?

– Sim.

– Por que escolheu justamente este?

– Por ser o mais alto da cidade – 30 andares. Quero ficar bem lá em cima. Gosto muito de cuspir em gente, embora saiba que isso é uma grande falta de educação. Mas ficando no último andar, satisfação o meu gosto e não causo mal a ninguém.

– Por quê?

– Porque o meu cuspinho é tão pequeno que seca no ar antes de alcançar alguém...

Achei muita graça naquela ideiazinha e entrei no hotel para registrar o pequeno hóspede. O gerente assombrou-se quando soube que o apartamento que pedi no trigésimo andar não era para mim, e sim para aquela figurinha de meio palmo de altura que eu havia largado em cima do balcão e se sentara na beira de uma caixa de fósforo. Expliquei-lhe o caso. “É o famosíssimo Pequeno Polegar, que veio ver se encontra quem lhe conserte uma bota que está atrasando.” O gerente fez cara de quem não entendeu coisa nenhuma, e com ar abobalhado foi abrindo o Livro de Registro.

– Nome? – perguntou e eu transmiti a pergunta ao personagenzinho, o qual respondeu de modo que também a mim causou surpresa.

– Meu nome é Nicolau Indefonsius Nicomédeo.

– Nacionalidade e idade?

– Nasci na Pérsia no ano de 1425.

– Casado ou solteiro?

– Solteiro – foi a resposta do galante, e suspirou. – Onde encontrar uma mulher do meu tamanho, com quem me casar?

Eu estava admiradíssimo de ele ser tão idoso e conservar o aspecto de rapazinho.

– Como é que não envelhece, Polegar?

– Porque pertenço à turma dos “personagens”. Envelhecem vocês, gente; os “personagens”, não. Peter Pan, Emília, o Gato-de-Botas, Chapeuzinho Vermelho, a Gata Borracheira, todos nós não somos gente, somos “personagens”. Ontem passei o dia com a Gata Borracheira; está a mesminha do tempo do baile em que perdeu o sapato.

Concluído o registro de Polegar, o gerente mandou que o levassem a um apartamento do 30º andar, e eu fui junto para ajudá-lo no que fosse preciso. Polegar chegou e já pediu banho: – Estou sujíssimo. Gastei duas semanas para chegar até aqui, porque vim com as botas ao ombro, andando pela beira dos caminhos, com muito cuidado para não ser comido pelos bichos.

– Que bichos?

– Sapos, gatos, cachorros, galinhas... Quando estou usando as botas, não tenho medo nem de gigantes.

Mas sem elas sou a maior fraqueza do mundo – e nem sei como pude chegar até aqui.

O banho de Polegar foi muito interessante. Havia no quarto um pires, que enchi d'água e serviu de piscina. Do sabonete da pia cortei um pedacinho do tamanho de um grão de arroz – e com esse sabonetinho ensaboou-se todo. Não creio que haja no mundo cena mais elegante do que Polegar ensaboando-se! Depois se enxugou e foi para a cama. Estava cansadíssimo. Levantei a colcha e, no meio daquela imensidade branca que era o lençol, coloquei-o deitadinho, coberto com o meu lenço de seda.

– Durma bem. Amanhã voltarei para sairmos juntos à procura de um sapateiro que conserte atraso de bota.

No dia seguinte voltei cedo e ajudei-o a tomar o café da manhã: meia colherinha de café com leite, da qual só ingeriu três gotas, e uma lasca de pão. Quis experimentar a geleia que veio num pequeno copo e besuntou-se todo...

Saímos, afinal, e levei-o a uma sapataria próxima. Mostrei ao sapateiro a bota que atrasava.

– Pode consertar isto?

O homem abriu a boca. Não me entendeu. De repente desconfiou, avermelhou e me pediu que saísse de sua casa porque não era “brincadeira de moleques”. Saímos indignados, e fomos à procura de outro – e assim visitamos todos os sapateiros do bairro. Pouco adiantou. Só sabiam botar meias-solas e saltos; de atraso nenhum entendia. Um deles disse:

– Isso de atraso, só com relojoeiros.

Fui a um relojoeiro.

– O senhor, que sabe tão bem consertar os relógios, talvez possa nos dar uma arrumação nesta botinha.

– Que tem ela?

– Está atrasando seis léguas.

O relojoeiro me olhou com tal cara que resolvi botar espaço entre mim e ele – e sumi da sua presença.

Cocei a cabeça. Procurar outro era inútil. Todos haviam de nos dar a mesma acolhida. Fiquei perplexo, sem saber o que aconselhar ao meu amiguinho.

– Não sei, Polegar. Nesta cidade parece que ninguém conserta atraso de bota, e sem que o seu par de botas funcione perfeitamente você não se arruma neste mundo. Fica sem defesa.

Passamos um minuto pensando no caso. Súbito, um clarão me iluminou o cérebro: Emília!... Sim, só Emília seria capaz de dar um jeito naquilo como dera em tantos problemas aparentemente insolúveis.

– Polegar – disse eu –, o único remédio que vejo é irmos ao Sítio do Picapau Amarelo conversar com Emília. A diabinha tem feito tanta coisa maravilhosa, que é bem capaz de fazer mais uma. Emília é uma danada!

Polegar já havia estado no Picapau Amarelo e se dava muito bem com Emília, da qual havia recebido um presentinho: o pito de barro de tia Nastácia, “para esconder-se dentro quando fosse preciso”.

– Pois vamos – foi a sua resposta. – Estou com saudades dela. Ainda é marquesa?

– Sim. Casou-se com o marquês de Rabicó e logo se separaram, mas pela lei ainda continua marquesa.

Muita gente jura que o Pequeno Polegar tinha paixão pela Emília. Pode ser. Não tenho elementos para dar opinião sobre o assunto.

Fomos ao Picapau Amarelo, onde Emília recebeu Polegar como quem recebe o namorado, e beijou-o como quem come um bombom. Depois perguntou o que queríamos.

– Consertar a botinha dele, Emília. O pé esquerdo está atrasando seis léguas a cada passo – e contei a nossa impossibilidade de encontrar sapateiro ou relojoeiro que corrigisse o atraso.

– E que tem que atrase?

– Tem que com botas assim ele perde a velocidade, que é a única arma neste mundo tão cheio de gatos e outros antropófagos. Não podendo escapar dos inimigos, dum momento para o outro ele desaparece da cena – e vai ser um desastre. Como poderá o mundo das crianças viver sem o Pequeno Polegar?

Emília achou que era isso mesmo. Pegou a botinha e espiou dentro, cheirou-a, franziu o nariz como se houvesse sentido um cheirinho de chulé, e disse:

– Só há um jeito, que é aplicar o faz de conta. Bota que atrasa é desses casos que nenhum mecânico do mundo conserta, porque não é desarranjo físico e sim da mágica que há dentro. Que ideia boba a sua, de andar procurando sapateiros e relojoeiros? Se procurasse um pai de santo ainda vá...

Depois sorriu, e olhando para a bota fez uma carinha de dó e disse:

– Com o faz de conta eu arranjo isto num momento. Querem ver? “*FAZ DE CONTA QUE ESTA BOTA NÃO ATRASA NEM UM CENTÍMETRO.*” Pronto! – e entregou a bota ao Pequeno Polegar. – Calce e veja.

Polegar calçou a botinha e experimentou. Deu um passo com o pé direito e sumiu da nossa presença. Minutos depois reapareceu muito alegriinho dizendo:

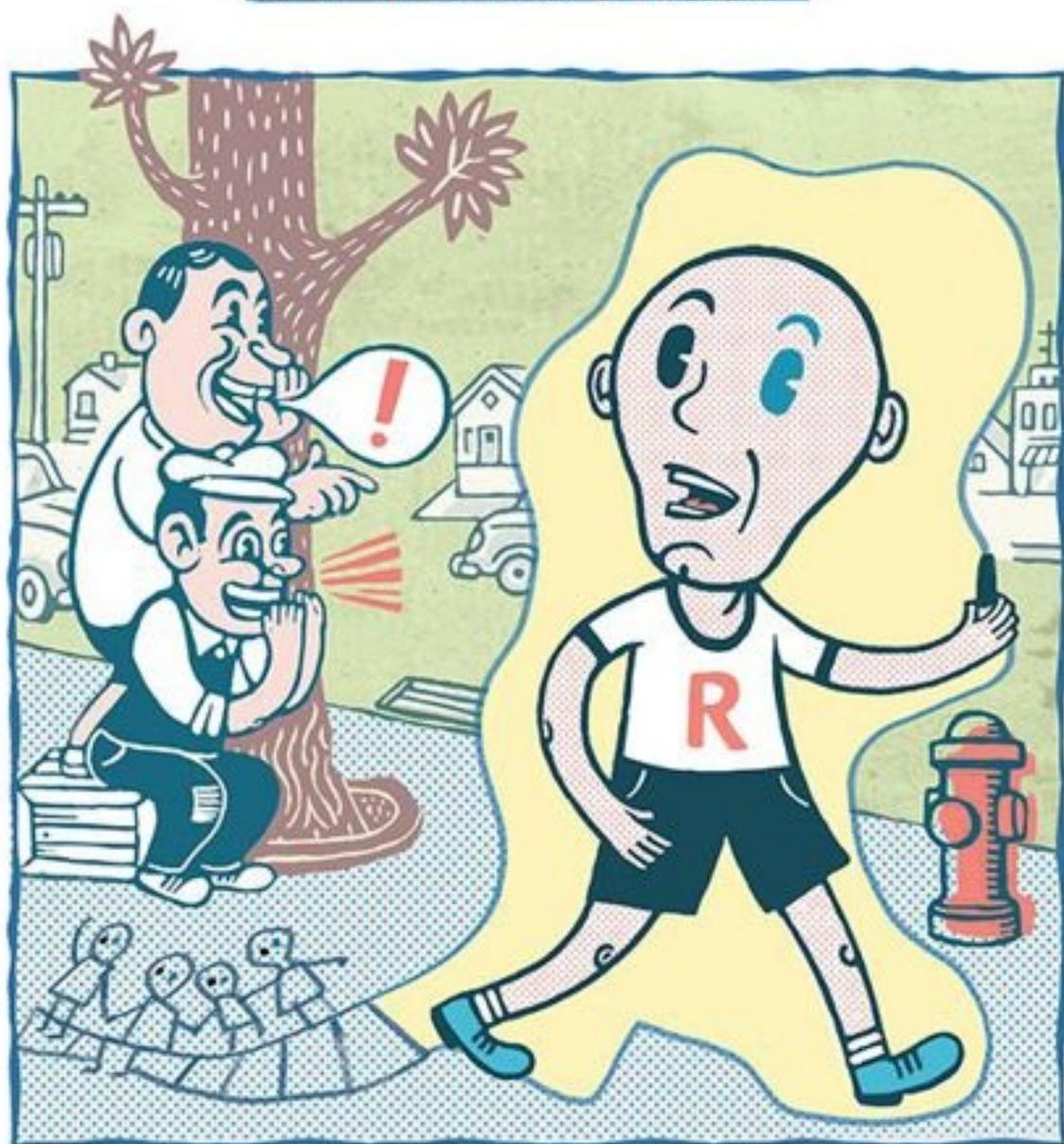
– Está ótima! Com um passo do pé direito fui parar na casa de Nhá Veva Papuda, que fica a sete léguas daqui, e com um passo do pé esquerdo voltei. Quer dizer que minhas botas estão regulando perfeitamente!

Emília apenas comentou com o seu célebre arzinho de dó:

– Incrível que haja no mundo quem se aperte por tão pouco...

A TERRA DOS MENINOS PELADOS

GRACILIANO RAMOS





avia um menino diferente dos outros meninos: tinha o olho direito preto, o esquerdo azul e a cabeça pelada. Os vizinhos debochavam dele e gritavam:

– Oh pelado!

Tanto gritaram que ele se acostumou, achou o apelido certo, deu para se assinar a carvão, nas paredes: Dr. Raimundo Pelado. Era de bom gênio e não se zangava; mas os garotos dos arredores fugiam ao vê-lo, escondiam-se por detrás das árvores da rua, mudavam a voz e perguntavam que fim havia levado os cabelos dele. Raimundo entristecia e fechava o olho direito. Quando o aperreavam demais, aborrecia-se, fechava o olho esquerdo. E a cara ficava toda escura.

Não tendo com quem se entender, Raimundo Pelado falava só, e os outros pensavam que ele estava malucando.

Estava nada! Conversava sozinho e desenhava na calçada coisas maravilhosas do país de Tatipirun, onde não há cabelos e as pessoas têm um olho preto e outro azul.

Um dia em que ele preparava com areia molhada a serra de Taquaritu e o rio das Sete Cabeças, ouviu os gritos dos meninos escondidos por detrás das árvores e sentiu um baque no coração.

– Quem raspou a cabeça dele? – perguntou o moleque do tabuleiro.

– Como botaram os olhos de duas criaturas numa cara? – berrou o italianinho da esquina.

– Era melhor que me deixassem quieto – disse Raimundo baixinho.

Encolheu-se e fechou o olho direito. Em seguida foi fechando o olho esquerdo, não enxergou mais a rua. As vozes dos moleques desapareceram, só se ouvia a cantiga das cigarras. Afinal as cigarras se calaram.

Raimundo levantou-se, entrou em casa, atravessou o quintal e ganhou o morro. Aí começaram a surgir as coisas estranhas que há na terra de Tatipirun, coisas que ele tinha adivinhado, mas nunca tinha visto. Sentiu uma grande surpresa ao notar que Tatipirun ficava ali perto de casa. Foi andando na ladeira, mas não precisava subir: enquanto caminhava, o monte ia baixando, baixando, aplanava-se como uma folha de papel. E o caminho, cheio de curvas, estirava-se como uma linha. Depois que ele passava, a ladeira tornava a empinar-se e a estrada se enchia de voltas novamente.

“Querem ver que isto por aqui já é a serra de Taquaritu?” – pensou Raimundo.

– Como é que você sabe? – roncou um automóvel perto dele. O pequeno voltou-se assustado e quis desviar-se, mas não teve tempo. O automóvel estava ali em cima, pega não pega. Era um carro esquisito: em vez de faróis, tinha dois olhos grandes, um azul, outro preto.

– Estou frito – suspirou o viajante esmorecendo.

Mas o automóvel piscou o olho preto e animou-o com um riso grosso de buzina:

– Deixe de besteira, seu Raimundo. Em Tatipirun nós não atropelamos ninguém.

Levantou as rodas da frente, armou um salto, passou por cima da cabeça do menino, foi cair 50 metros adiante e continuou a rodar fonfonando. Uma laranjeira que estava no meio da estrada afastou-se para deixar a passagem livre e disse toda amável:

– Faz favor.

– Não se incomode – agradeceu o pequeno. – A senhora é muito educada.

– Tudo aqui é assim – respondeu a laranjeira.

– Está se vendo. A propósito, por que é que a senhora não tem espinhos?

– Em Tatipirun ninguém usa espinhos – bradou a laranjeira ofendida. – Como se faz semelhante pergunta a uma planta decente?

– É que sou de fora – gemeu Raimundo, envergonhado. – Nunca andei por estas bandas. A senhora me desculpe. Na minha terra os indivíduos de sua família têm espinhos.

– Aqui era assim antigamente – explicou a árvore. – Agora os costumes são outros. Hoje em dia, o único sujeito que ainda conserva esses instrumentos perfurantes é o espinheiro-bravo, um tipo selvagem, de maus bofes. Conhece-o?

– Eu não, senhora. Não conheço ninguém por esta zona.

– É bom não conhecer. Aceita uma laranja?

– Se a senhora quiser dar, eu aceito.

A árvore baixou um ramo e entregou ao pirralho uma laranja madura e grande.

– Muito agradecido, dona Laranjeira. A senhora é uma pessoa direita. Adeus. Tem a bondade de me ensinar o caminho?

– É esse mesmo. Vá seguindo sempre. Todos os caminhos são certos.

– Eu queria ver se encontrava os meninos pelados.

– Encontra. Vá seguindo. Andam por aí.

– Uns que têm um olho azul e outro preto?

– Sem dúvida. Toda a gente tem um olho azul e outro preto.

– Pois até logo, dona Laranjeira. Passe bem.

– Divirta-se.

Raimundo continuou a caminhada, chupando a laranja e escutando as cigarras, umas cigarras graúdas que passeavam sobre discos enormes de antigas vitrolas. Os discos giravam, soltos no ar, as cigarras não descansavam – e havia em toda a parte músicas estranhas, como nunca alguém ouvira. Aranhas vermelhas balançavam-se em teias que se estendiam entre os galhos: teias brancas, azuis, amarelas, verdes, roxas, cor das nuvens do céu e cor do fundo do mar. Aranhas em quantidade. Os discos moviam-se, sombras redondas projetavam-se no chão, as teias agitavam-se como redes.

Raimundo deixou a serra de Taquaritu e chegou à beira do rio das Sete Cabeças, onde se reuniam os meninos pelados, bem uns 500, claros e escuros, grandes e pequenos, muito diferentes uns dos outros. Mas todos eram absolutamente calvos, tinham um olho preto e outro azul.

O viajante rondou por ali uns minutos, receoso de puxar conversa, pensando nos garotos que zombavam dele na rua. Foi se chegando e sentou-se numa pedra, que se endireitou para recebê-lo. Um rapazinho aproximou-se, examinando-lhe, admirado, a roupa e os sapatos.

Todos ali estavam descalços e cobertos de panos brancos, azuis, amarelos, verdes, roxos, cor das nuvens do céu e cor do fundo do mar, inteiramente iguais às teias que as aranhas vermelhas fabricavam.

– Eu queria saber se isto aqui é o país de Tatipirun – começou Raimundo.

– Naturalmente – respondeu o outro. – De onde vem você? Raimundo inventou um nome atrapalhado para a cidade dele, que ficou importante:

– Venho de Cambacará. Muito longe.

– Já ouvimos falar – declarou o rapaz. – Fica além da serra, não é isto?

– É isso mesmo. Uma terra de gente feia, cabeluda, com os olhos de uma cor só. Fiz boa viagem e tive algumas aventuras.

– Encontrou a Caralâmpia?

– É uma laranjeira?

– Que laranjeira! É menina.

– Como ele é bobo! – gritaram todos rindo e dançando. – Pensa que a Caralâmpia é laranjeira.

Raimundo levantou-se trombudo e saiu às pressas, tão encabulado que não enxergou o rio. Ia caindo dentro dele, mas as duas margens se aproximaram, a água desapareceu, e o menino com um passo chegou ao outro lado, onde se escondeu atrás de um tronco. A terra abriu-se de novo, a correnteza tornou a aparecer fazendo um barulho grande.

– Por que é que você se esconde? – perguntou o tronco baixinho. – Está com medo?

– Não, senhor. É que eles caçoaram de mim porque eu não conheço a Caralâmpia.

O tronco soltou uma risada e pilheriou:

– Deixe de tolice, criatura. Você se afogando em pouca água! As crianças estavam brincando. É uma gente boa.

– Sempre ouvi dizer isso. Mas zombaram de mim porque eu não conheço a Caralâmpia.

– Bobagem. Deixe de melindres.

– É mesmo – concordou Raimundo. – Eu pensava nos moleques que faziam troça de mim, em Cambacará. O senhor está descansando, hem?

– É. Estou aposentado, já vivi demais. Raimundo levantou-se:

– Bem, seu Tronco. Eu vou chegando.

– Espera aí. Um instante. Quero apresentá-lo à Aranha Vermelha, amiga velha que me visita sempre. Está aqui, vizinha. Este rapaz é nosso hóspede.

A Aranha Vermelha balançou-se no fio, espiando o menino por todos os lados. O fio estirou-se até que o bichinho alcançou o chão. Raimundo fez um cumprimento.

– Boa tarde, dona Aranha. Como vai a senhora?

– Assim, assim – respondeu a visitante. – Perdoe a curiosidade. Por que é que você põe esses troços em cima do corpo?

– Que troços? A roupa? Pois eu havia de andar nu, dona Aranha? A senhora não está vendo que é impossível?

– Não é isso, meu filho. Esses arreios que você usa são medonhos. Tenho ali umas túnicas no galho onde moro. Muito bonitas. Escolha uma.

Raimundo chegou-se à árvore próxima e examinou, desconfiado, uns vestidos feitos daquele tecido que as aranhas vermelhas preparavam. Apalpou a fazenda, tentou rasgá-la, chegou-a ao rosto para ver se era transparente. Não era.

– Eu nem sei se poderei vestir isto – começou hesitando. – Não acredito...

– Que é que você não acredita? – perguntou a proprietária da alfaiataria.

– A senhora me desculpe – cochichou Raimundo. – Não acredito que a gente possa vestir roupa de teia de aranha.

– Que teia de aranha! – rosou o tronco. – Isso é seda e da boa. Aceite o presente da moça.

– Então, muito obrigado – gaguejou o pirralho. – Vou experimentar.

Escolheu uma túnica azul, escondeu-se no mato e, passados minutos, tornou a mostrar-se, vestido como os habitantes de Tatipirun. Descalçou-se e sentiu nos pés a frescura e a maciez da relva. Lá em cima os discos

enormes das vitrolas giravam; as cigarras chiavam músicas em cima deles, músicas como ninguém ouviu; sombras redondas espalhavam-se no chão.

– Este lugar é ótimo – suspirou Raimundo. – Mas acho que preciso voltar. Preciso estudar a minha lição de geografia.

Nisto ouviu uma algazarra e viu através dos ramos a população de Tatipirun correndo para ele:

– Cadê o menino que veio de Cambacará?

Eram milhares de criaturas miúdas, de 5 a 10 anos, todas cobertas de teias de aranha, descalças, um olho preto e outro azul, as cabeças peladas, nuas. Não havia pessoas grandes, naturalmente.

– Cadê o menino que veio de Cambacará?

– O que vocês querem comigo? – resmungou o pequeno, alarmado. – Parece uma procissão.

– Parece um *meeting* – disse uma rã que pulou da beira do rio.

– Parece um teatro – cantou um pardal. Raimundo pôs-se a rir:

– Que passarinho besta! Ele pensa que teatro é gente. Teatro é casa.

– Estou falando nos sujeitos que estão dentro do teatro – pipilou o pardal.

– Bem, isso é outra cantiga – concordou Raimundo.

– Cadê o menino que veio de Cambacará? – gritava o poveréu.

– Essa tropa não sabe geografia – disse Raimundo. – Cambacará não existe.

– E por que é que não existe? – perguntou a rã.

– Não existe não, Sinhá Rã. Foi um nome que eu inventei.

– Pois faz de conta que existe – ensinou a rã. – Sempre existiu.

– A senhora tem certeza?

– Naturalmente.

– Então existe.

A rã fechou o olho preto, abriu o azul e foi descansar numa poça de água.

– Cadê o menino que veio de Cambacará?

– Estou aqui, pessoal – bradou Raimundo. – O que é que há?

O rio se fechou de repente e a multidão passou por ele num instante. Depois as margens se afastaram, a água tornou a aparecer.

– Que rio interessante! – exclamou Raimundo. – Deve ter um mecanismo por dentro.

– Por que foi que você fugiu de nós? – perguntou o rapazinho que tinha falado sobre a Caralâmpia.

– Espere aí. Eu já digo. Como é o seu nome?

– Pirengo.

- Que nome engraçado! Pirencó! Não há ninguém com esse nome.
- Eu sou Pirencó – replicou o outro.
- Pois sim. Não discutimos. Vamos ao caso do rio. Tem algum mecanismo por dentro?
- Não tem mecanismo nenhum – disse uma garota de túnica amarela. – Todos os rios são assim.
- Claro! – concordou Pirencó. – Esta é a Talima.
- Prazer em conhecê-la, Talima. Você é bonita.
- E boa – interrompeu um menino sardento. – Meio desparafusada, mas um coraçãozinho de açúcar.

Aquela é a Sira.

- O tronco me falou em vocês todos. Como vai, Sira?
- Por que foi que você fugiu da gente? Raimundo ficou acanhado, as orelhas pegando fogo:
- Sei lá! Burrice. Julguei que estivessem debochando de mim. Eu não tinha obrigação de conhecer a

Caralâmpia. Quem é a Caralâmpia?

- Onde andarรก ela? – inquiriu o sardento.
- Sumiu – explicou Talima. – Foi uma menina que virou princesa.
- Caso triste – gemeu uma criatura miúda, de dois palmos. – Quando penso que pode ter acontecido

alguma desgraça...

Talima abaixou-se e consolou o anão:

- Cala a boca, nanico. Não há desgraça.
- Imaginem se ela encontrou o espinheiro-bravo e espetou os dedos!
- Encontrou nada!
- Pode ter crescido e ido morar em Cambacará.
- Não foi não – informou Raimundo. – Não vi lá ninguém destas bandas. Como é a figura dela?
- É uma menina pálida, alta e magra.
- Princesa?
- É. Sempre teve jeito de princesa. Agora virou princesa e levou sumiço.
- Que infelicidade! – choramingou o anão.
- Vamos procurar a Caralâmpia – convidou Talima. – Deixe de choradeira, nanico.
- Já deixei – murmurou o anãozinho enxugando os olhos. Saíram todos, gritando, pedindo

informações a madeiras e a bichos.

O sardento ia devagar, distraído. Puxou Raimundo por um braço:

- Eu tenho um projeto.

– Estou receando que anoiteça – exclamou Raimundo. – Se a noite pegar a gente aqui no campo... Era melhor entrar em casa e deixar Caralâmpia para amanhã.

– O meu projeto é curioso – insistiu o sardento –, mas parece que este povo não me compreende.

– É sempre assim – disse Raimundo. – Faltará muito para o sol se pôr?

O anãozinho bateu na perna dele:

– Nós nos esquecemos de perguntar como é que você se chama.

– Raimundo. Sou muito conhecido. Até os troncos, as laranjeiras e os automóveis me conhecem.

– Raimundo é um nome feio – atalhou Pirengo.

– Muda-se – opinou o anão.

– Em Cambacará eu me chamava Raimundo. Era o meu nome.

– Isso não tem importância – decidiu Talima. – Fica sendo Pirundo.

– Pirundo não quero.

– Então é Mundéu.

– Também não presta. Mundéu é uma geringonça de pegar bicho.

– Pois fica Raimundo mesmo.

– Está direito. Eu queria saber como a gente se arranja de noite.

– Que noite?

– A noite, a escuridão, isso que vem quando o sol se deita.

– Besteira! – exclamou o anão. – Uma pessoa taluda afirmando que o sol se deita! Quem já viu o sol se deitar?

– Essa coisa que chega quando a Terra vira – emendou Raimundo. – A noite, percebem? Quando a Terra vira para o outro lado.

– Ele vem cheio de fantasias – asseverou Talima. – Escute, Fringo. Ele cuida que a Terra vira.

Fringo, um menino preto, estirou o beijo e bocejou:

– Ilusões.

– Qual nada! Vira. Em Cambacará ninguém ignora isto. Vá lá e pergunte. Vira para um lado – e tudo fica no claro, a gente, as árvores, as rãs, os pardais, os rios e as aranhas. Vira para o outro lado – e não se vê nada, é aquele pretume. Natural. Todos os dias isto se dá.

– É engano – interrompeu Fringo.

– Não há noite?

– Há o que você está vendo.

– Não escurece, o sol não muda de lugar...

– Nada disso.

– Está bom. Preciso consertar o meu estudo de geografia. Continuaram a marcha, andaram muito, e nenhuma notícia da Caralâmpia. O sol permanecia no mesmo ponto, no meio do céu. Nem manhã nem tarde. Uma temperatura amena, invariável.

– Deve haver um mecanismo de relógio lá por cima – calculou Raimundo. – Vai ver que ele perdeu a corda e parou.

– Quer ouvir o meu projeto? – interrogou o sardento.

– Vamos lá – aceitou Raimundo. – Mas antes me tire uma dúvida. Vocês não descansam nunca?

– Descansamos – explicou o outro. – Quando a gente está fatigada, deita-se e fecha um olho.

– O olho preto ou o azul?

– Isso é conforme. Fecha-se um olho. O outro fica aberto, vendo tudo.

– Pois eu acho que está chegando a hora de voltar e descansar.

– Voltar para onde?

– Voltar para a beira do rio, entrar em casa, dormir.

– Não vale a pena. Se quer ver o rio, é tocar para frente. O rio das Sete Cabeças faz muitas curvas.

Adiante aparece uma delas. Aqui nós nunca voltamos. Vou contar o meu projeto.

– É bom. Conte. Mas andando à toa, sem destino, como é que vocês entram em casa?

– Entrar em coisa nenhuma! A gente se deita no chão.

– Macio, realmente. E as casas?

– Não entendo.

– Pois vou chamar o Pirengo. Venha cá, seu Pirengo. Onde estão as casas?

Talima encolheu os ombros:

– Ele veio de Cambacará cheio de ideias extravagantes.

– Perguntas insuportáveis – acrescentou Sira.

Raimundo observou os quatro cantos, não viu nenhuma construção.

– Está bem, não teimamos. Vocês dormem no mato, como bichos.

– Descansamos à sombra dessas rodas que giram – disse Fringo.

– Debaixo dos discos de vitrolas. Sim senhor, bonitas casas. E quando chove?

– Quando chove?

– Sim. Quando vem a água lá de cima, vocês não se ensopam?

– Não acontece isso.

Raimundo abriu a boca e deu uma pancada na testa:

– Que lugar! Não faz calor nem frio, não há noite, não chove, as madeiras conversam. Isto é um fim de mundo.

– Quer ouvir o meu projeto? – segredou o menino sardento.

– Ah! sim. Ia me esquecendo. Acabe depressa.

– Eu vou principiar. Olhe a minha cara. Está cheia de manchas, não está?

– Para dizer a verdade, está.

– É feia demais assim?

– Não é muito bonita não.

– Também acho. Nem feia nem bonita.

– Vá lá. Nem feia nem bonita. É uma cara.

– É. Uma cara assim assim. Tenho visto nas poças de água. O meu projeto é este: podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto. Não ficava bom?

– Para quê?

– Ficava mais certo, ficava tudo igual.

Raimundo parou sob um disco de vitrola, recordou dos garotos que zombavam dele.

A cigarra lá de cima interrompeu a cantiga, estirou a cabecinha. Era uma cigarra gorda e tinha um olho preto, outro azul.

– Qual é a sua opinião? – perguntou o sardento.

Raimundo hesitou um minuto:

– Não sei não. Eles mexem com você por causa de sua cara pintada?

– Não mexem. São muito boas pessoas. Mas se tivessem manchas no rosto, seriam melhores.

A aranha vermelha deu um balanço no fio e chegou ao disco da vitrola:

– Que história é aquela?

– Palavreado à toa – explicou a dona da casa.

– À toa nada! – bradou o sardento. – Cigarra e aranha não têm voto. Cada macaco no seu galho. Isto é assunto que interessa exclusivamente aos meninos.

– Eu aqui represento a indústria dos tecidos – replicou a aranha arregalando o olho preto e cerrando o azul.

– E eu sou artista – acrescentou a cigarra. – Palavreado à toa.

Raimundo esfregou as mãos, constrangido, olhou os discos e as teias coloridas que se agitavam.

– Parece que elas têm direito de opinar. São importantes, são sabidas.

– Direito de dizer besteiras! – resmungou o sardento.

– Não senhor. A cigarra tem razão. Palavreado à toa.

– Então você acha o meu projeto ruim?

– Para falar com franqueza, eu acho. Não presta não. Como é que você vai pintar esses meninos todos?

– Ficava mais certo.

– Ficava nada! Eles não deixam.

– Era bom que fosse tudo igual.

– Não senhor, que a gente não é rapadura. Eles não gostam de você? Gostam. Não gostam do anão, do Fringo? Está aí. Em Cambacará não é assim: aborrecem-me por causa da minha cabeça pelada e dos meus olhos. Tinha graça se o anão quisesse reduzir os outros ao tamanho dele. Como haveria de ser?

– Eu sei lá! – rosnou o sardento amuado. – O caso do anão é diferente. Parece que ninguém me entende. Vamos procurar os outros?

Deixaram a artista e a representante da indústria dos tecidos, andaram 50 passos e foram encontrar os meninos brincando na grama verde, fazendo um barulho danado.

– Isto é agradável – murmurou Raimundo. – Tudo alegre, cheio de saúde... A propósito, ninguém adocece em Tatipirun, não é verdade?

– Adoece como?

– Julgo que vocês não vão ao dentista, não sentem dor de barriga, não têm sarampo.

– Nada disso.

– Não envelhecem. São sempre meninos.

– Certamente.

– Eu já presumia. Pois é, meu caro. Boa terra. Mas se todos fossem como o anãozinho e tivessem sardas, a vida seria enjoada.

O sardento pigarreou:

– É difícil a gente se entender.

As crianças dançavam e cantavam, enfeitadas de flores, batendo palmas.

– Viva a princesa Caralâmpia! – gritavam. – Viva a princesa Caralâmpia, que levou sumiço e apareceu de repente.

Caralâmpia estava no meio do bando, vestida com uma túnica azulada cor das nuvens do céu, coroada de rosas, um broche de vaga-lume no peito, pulseiras de cobras de coral.

– Credo em cruz! – gemeu Raimundo, assombrado. – Tire essa bicharada de cima do corpo, menina. Isso morde.

O vaga-lume tremelicou, brilhante de indignação:

– É comigo?

– Não senhor, é conosco – informaram as cobras. – Aquilo é um selvagem. Na terra dele as coisas vivas mordem.

– Viva a Caralâmpia! – repetia a multidão. – Viva a princesa Caralâmpia!

– Onde já se viu cobra servir de enfeite? – suspirava Raimundo. – Que despropósito!

– Deixe disso, criatura, aconselhou Fringo, o menino preto. Você se espanta com tudo. Venha falar com a Caralâmpia.

– Eu sei lá falar com princesa! – exclamou Raimundo, encabulado.

– Ela é princesa de mentira – explicou Talima. – É princesa porque tem jeito de princesa. Veja, Caralâmpia. Este é o Pirundo, que veio de Cambacará.

– Pirundo não. Ficou estabelecido que eu me chamo Raimundo mesmo.

– É. Ficou estabelecido que ele se chama Raimundo mesmo.

– Aproxime-se, convidou Caralâmpia.

O hóspede chegou perto dela, desconfiado, espiando as cobrinhas com o rabo do olho. Curvou-se num salamaleque exagerado:

– Como vai vossa princesência?

– Princesência é tolice – declarou Pirencó.

– Tólice é amarrar cobras nos braços – replicou Raimundo. – Onde já se viu semelhante disparate?

– Acabem com isso – ordenou Caralâmpia. – Vamos deixar de encrenca. Por que é que não pode haver princesência? Isso é uma discussão besta, Pirencó.

Raimundo bateu palmas:

– Apoiado. Se há excelência, há princesência também. Está certo.

– Claro! – concordou Talima. – Se há Raimundo e Pirencó, há Pirundo também. Pirundo está certo.

– Não, senhora. Pirundo está errado.

– Pois está – concedeu Talima.

– Está mesmo. Para que dizer que não está? – triunfou Raimundo. – Então você é princesa, hem?

Como foi que você virou princesa?

– Virando – respondeu Caralâmpia. – A gente vira e desvira.

– Logo vi – murmurou Raimundo. – Pois é. Uma terra muito bonita a sua, princesa Caralâmpia. Estou com vontade de me mudar para aqui. Se eu vier, trago o meu gato. É um gato engraçado, diferente de vocês, com dois olhos verdes. E medroso, tem medo de rato.

- Como é que ele se chama? – perguntou a princesa.
- Não tem nome não. Mas eu vou botar um nome nele.
- Bote Pirundo – sugeriu Talima.
- Boto nada! Vou procurar um nome bonito na geografia. A propósito, aquele rio que fecha é mesmo o

Rio das Sete Cabeças?

- Sem dúvida – informou Sira.
- Por que é que ele se chama Rio das Sete Cabeças?
- Porque se chama. Sempre se chamou assim.
- Muito obrigado. Eu podia botar esse nome no meu gato. Mas ele só tem uma cabeça.
- Bobagem! – exclamou Pirencó. – Gato das Sete Cabeças! Quem já viu isso? Bote Tatipirun.
- Tatipirun é bonito – murmurou a princesa.
- Pois fica sendo Tatipirun. Quando eu vier, trago Tatipirun. Ele vai estranhar e miar no princípio,

depois se acostuma. Vamos brincar de bandido?

- Aqui ninguém conhece essa brincadeira não – respondeu Sira. – Vamos correr, saltar, dançar.

– Isso é chato!

– Pois vamos fazer o anão virar príncipe.

– Não dou para isso não – protestou o anãozinho. – É melhor conversar com os bichos. Vamos procurar um bicho que saiba histórias compridas e bonitas.

Partiram. Caminharam bem meia légua e encontraram uma guariba cabeluda que andava com as juntas emperradas, escorada num cajado, óculos no focinho, a cabeça pesada balançando. Raimundo avizinhou-se dela, curioso:

– Como é, Sinhá Guariba? A senhora, com essa cara, deve conhecer história antiga. Conte uns casos da sua mocidade.

– Eu não tive isso não, meu filho. Sempre fui assim.

– Assim, velhinha e reumática? – estranhou Raimundo.

– Assim como vocês estão vendo.

– Foi nada! A senhora antigamente era empertigada e vistosa. Conta aí umas guerras do Carlos Magno.

– Eu sei lá! Estou esquecida. Sou uma guariba paleolítica.

– Paleo... o quê?

– Lítica.

A princesa Caralâmpia arrepiou-se:

– Que barbaridade! Ela está maluca.

– Não está não – atalhou Raimundo. – Meu tio diz essas trapalhadas. É um homem que estudou muito, andou na arca de Noé e tem óculos. Direitinho a guariba. Ele é do tempo dela e usava palavras difíceis.

– Traga também esse quando se mudar para aqui – lembrou Talima.

– Ele não vem não. E não vale a pena. É um sujeito ranzinza e paleo... como?

– Lítico – respondeu a guariba.

– Isso mesmo. Não vem não. Ele enjoa de meninos, só gosta de livros. Um tipo sabido como nunca se viu.

– Não serve – decidiu Talima. – Tem a palavra, Sinhá Guariba. Conte uma história.

– Eu conto – balbuciou ela, acocorando-se. Foi um dia um menino que ficou pequeno, pequeno, até virar passarinho. Ficou menor e virou aranha. Depois virou mosquito e saiu voando, voando, voando, voando...

– E depois? – perguntou Sira.

A guariba velha balançava a cabeça tremendo e repetia:

– Voando, voando, voando...

Fringo impacientou-se:

– Que amolação! Ela pegou no sono.

Tinha pegado mesmo. E falava dormindo, numa gemedeira:

– Voando, voando, voando...

– Vamos embora, pessoal – convidou Sira. – Ela não acaba hoje.

O bicho começou a chorar:

– Sou uma guariba paleo...

– Já sabemos – interrompeu Caralâmpia. – Toca para frente, povo. Que significará aquele nome encrencado?

– Vou perguntar a meu tio – prometeu Raimundo. – Quando eu voltar aqui, explico a vocês.

A guariba paleolítica ficou tiritando, acocorada, gemendo.

– Dorminhoca! – rosou Sira – Que teria acontecido ao menino que virou mosquito?

– Parece que tornou a virar menino – disse Fringo.

– Não dá certo – gritou o anãozinho. – É melhor continuar mosquito.

– Vamos consultar a guariba?

– Não convém – interveio a princesa Caralâmpia. – Ela perdeu o rumo da história. Voando, voando...

Nunca vi animal tão bobo.

– Não, senhora – protestou Raimundo. – É um bicho sabido. Meu tio é aquilo mesmo, sabido que faz medo. Mas não fala direito. Resmunga. E se atrapalha com as perguntas mais fáceis. A gente quer saber uma coisa, e ele se sai com umas compridezas que dão sono. Vai resmungando, resmungando, e muda no fim, acaba dizendo exatamente o contrário do que disse no princípio.

– Isso é insuportável – bradou Pirengo. – Não tolero conversa fiada, lengalenga.

– Nem eu – concordou Talima. – Pão, pão, queijo, queijo.

– Preciso voltar e estudar a minha lição de geografia – suspirou Raimundo.

– Demore um pouco – pediu Talima. – Vamos ouvir a Caralâmpia. Por onde andou você quando esteve perdida, Caralâmpia?

A Caralâmpia começou uma história sem pé nem cabeça:

– Andei numa terra diferente das outras, uma terra onde as árvores crescem com as folhas para baixo e as raízes para cima. As aranhas são do tamanho de gente, e as pessoas do tamanho das aranhas.

– Quem manda lá? São as aranhas ou a gente? – perguntou Raimundo.

– Não me interrompa – respondeu a Caralâmpia. – Os guris que eu vi têm duas cabeças, cada uma com quatro olhos, dois na frente e dois atrás.

– Que feiura! – exclamou Pirengo.

– Não, senhor, são muito bonitos. Têm uma boca no peito, cinco braços e uma perna só.

– É impossível – atalhou Fringo. – Assim eles não caminham. Só se for com muletas.

– Que ignorância! – tornou Caralâmpia. – Caminham perfeitamente sem muletas, caminham assim, olhe, assim.

Pôs-se a saltar num pé:

– Para que duas pernas? A gente podia viver muito bem com uma perna só.

Tentaram andar com um pé, mas cansaram logo e sentaram-se na grama.

– Preciso voltar – murmurou Raimundo.

O anãozinho chegou-se a ele e soprou-lhe ao ouvido:

– Tudo aquilo é mentira. Essa Caralâmpia mente!...

Sira ficou chateada:

– Mente nada! Por que é que não existiriam pessoas diferentes de nós? Se há criaturas com duas pernas e uma cabeça, pode haver outras com duas cabeças e uma perna. Este anão é bobão.

– Estão implicando comigo – choramingou o anãozinho. – Implicam comigo porque eu sou miúdo.

A princesa Caralâmpia puxou-o por um braço, deitou-o no seu colo e embalou-o:

– Não chore, nanico. Na terra que eu visitei ninguém chora, apesar de todos terem oito olhos, quatro azuis e quatro pretos. As árvores têm as raízes para cima, as folhas para baixo e dão frutos no chão. Os frutos são enormes, as pessoas são como as aranhas.

– Onde fica essa terra, Caralâmpia? – perguntou o sardento.

– Muito longe, no fim do mundo – respondeu a princesa. – A gente chega lá voando.

– Como o mosquito da guariba – interrompeu o anão. – Desconfio disso. Gente não voa.

– Ora não voa! – exclamou Raimundo. – Em Cambacará os homens voam.

– Voam de verdade ou de mentira? – inquiriu Talima.

– Voam de verdade. Antigamente não voavam, mas hoje andam pelas nuvens em aeroplanos, uns troços de metal que fazem zum... Certamente a Caralâmpia viajou num deles.

– Não foi não – disse Caralâmpia. – Entrei num automóvel.

– Os automóveis aqui andam pelos ares, eu sei – confirmou Raimundo.

– Pois é. Entrei, mexi numa alavanca, o automóvel subiu, subiu, subiu, passou a lua, o sol e as estrelas.

– E chegou à terra dos meninos duma perna só – grunhiu o anãozinho. – Não creio.

– Coitado – murmurou Talima. – Este anão é um infeliz, não faça caso, Pirundo.

– A senhora troca sempre o nome. Eu já lhe disse um milhão de vezes que eu me chamo Raimundo.

– Isso mesmo. Fique com a gente. Aqui é tão bom..

– Não posso – gemeu Raimundo. – Eu queria ficar com vocês, mas preciso estudar a minha lição de geografia.

– É necessário?

– Sei lá! Dizem que é necessário. Parece que é necessário. Enfim... não sei.

Aí Raimundo entristeceu e enxugou os olhos:

– É uma obrigação. Vou embora. Vou com muita saudade, mas vou. Terei saudade de vocês todos, as pessoas melhores que já encontrei. Vou embora.

– Volte para viver conosco – pediu Caralâmpia.

– É, pode ser. Se acertar o caminho, eu volto. E trago o meu gato para vocês verem. Não deixe de ser princesa não, Caralâmpia. Você fica bonita vestida de princesa. Quando eu estiver na minha terra, hei de me lembrar da princesa Caralâmpia, que tem um broche de vaga-lume e pulseiras de cobras de coral. E direi aos outros meninos que em Tatipirun as cobras não mordem e servem para enfeitar os braços das princesas. Vão pensar que é mentira, zombarão dos meus olhos e da minha cabeça pelada. Eu então ensinarei a todos o caminho de Tatipirun, direi que aqui as ladeiras se abaixam e os rios se fecham para a gente passar.

Raimundo afastou-se lento e procurou orientar-se. Os outros o seguiram de longe, calados. Andaram até o rio. Lá estavam à margem, perto do tronco, os sapatos e a roupa. O garoto escondeu-se no mato, vestiu-se de novo, tornou a pendurar no ramo a túnica azul que a aranha tinha dado a ele.

– Devolução? – perguntou o bichinho.

– É, dona Aranha. Muito obrigado, não preciso mais dela.

– Quer dizer que volta para Cambacará, não é? – coaxou a rã na beira da poça.

– Volto sim, senhora. Volto com pena, mas volto.

– Faz tolice – exclamou o tronco. – Onde vai achar companheiros como esses que há por aí?

– Não acho não, seu Tronco. Sei perfeitamente que não acho. Mas tenho obrigações, entende? Preciso estudar a minha lição de geografia. Adeus.

Atravessou o rio com um passo. As crianças peladas foram encontrá-lo. Caminharam algum tempo e chegaram à serra da Taquaritu. Aí Raimundo se despediu:

– Adeus, meus amigos. Lembrem-se de mim uma outra vez, quando não tiverem brincadeiras, quando ouvirem as conversas das cigarras com as aranhas. Fiquei gostando muito delas, fiquei gostando de vocês todos. Talvez eu não volte. Vou ensinar o caminho aos outros, falarei de tudo isto: da serra de Taquaritu, do Rio das Sete Cabeças, das laranjeiras, dos troncos, das rãs, dos pardais e da guariba velha, pobrezinha, que não se lembra das coisas e fica repetindo um pedaço de história. Quero bem a vocês. Vou ensinar o caminho de Tatipirun aos meninos da minha terra, mas talvez eu mesmo me perca e não acerte mais o caminho. Não tornarei a ver a serra que se abaixa, o rio que se fecha para a gente passar, as árvores que oferecem frutos aos meninos, as aranhas vermelhas que tecem essas túnicas bonitas. Não voltarei. Mas pensarei em vocês todos, no Pirengo e no Fringo, no anãozinho e no sardento, na Sira, na Talima, na Caralâmpia. Você me troca sempre o nome, Talima. E eu quero bem a você, ando até com vontade de virar Pirundo, para não teirmos, se ainda nos virmos. Lembre-se do Pirundo, Talima. Longe daqui, fecharei os olhos e verei a coroa de rosas na cabeça da Caralâmpia, o broche de vaga-lume, as pulseiras de cobras de coral. Adeus, meus amigos. Que fim terá levado o menino da guariba? Quando um mosquito zumbir perto de mim, pensarei nele. Pode ser que esteja zumbindo o menino que a guariba deixou voando. Pobre da guariba. Está balançando a cabeça, falando sozinha, e não acorda. Eu volto um dia, venho conversar com ela, ouvir o resto da história do menino que virou mosquito. E hei de encontrar a Caralâmpia com as mesmas rosas na cabeça, o vaga-lume aceso no peito, as cobras de coral nos braços. Vou prestar atenção ao caminho para não me perder quando voltar. E trago uns meninos comigo. Os meninos melhores que eu conhecer virão comigo. Se eles não quiserem vir, trago o meu gato, que é manso e há de gostar de vocês. Adeus, seu Fringo. Adeus, seu Pirengo. Sira, Caralâmpia, todos, adeus.

Não é preciso que me acompanhem. Muito obrigado, não se incomodem. Eu acerto o caminho. Adeus, lembre-se do Pirundo, Talima.

Raimundo começou a descer a serra de Taquaritu. A ladeira se aplanava. E, quando ele passava, tornava a inclinar-se. Caminhou muito, olhou para trás e não enxergou os meninos que tinham ficado lá em cima. Ia tão distraído, sentia tanta pena de ir embora que não viu a laranjeira no meio da estrada. A laranjeira afastou-se, deixou a passagem livre e guardou silêncio para não interromper os pensamentos dele.

Agora Raimundo estava no morro conhecido, perto de casa. Foi se chegando, muito devagar. Atravessou o quintal, atravessou o jardim e pisou na calçada.

As cigarras chiavam entre as folhas das árvores. E as crianças que implicavam com ele brincavam na rua.

CELEBRIDADE DE MALASARTE

JORGE DE LIMA &
MATHEOS DE LIMA





Malasarte ia ficando muito conhecido em todo o país. Todo o mundo ansiava por uma ocasião de vê-lo e ouvir-lhe as bobagens. Havia, no entanto, sempre alguém, aqui e acolá, que nunca tinha ouvido falar do herói, dos seus truques e mangações.

Um dia, apareceu Malasarte na praça do mercado, e o homem do açougue, vendo-o passar, disse maquinalmente, sem mesmo encará-lo:

– Senhor, não quer levar um peso de carne para casa?

– Com muito gosto. Que devo eu levar, meu caro senhor?

– Aqui, esta costeleta de porco está mesmo de se lamber o beijo. Malasarte não hesitou um momento.

Botou a costeleta debaixo do braço e foi dando o fora, sem dizer nem “Muito obrigado”!

Vendo isto, o açougueiro saiu mais que depressa no encalço do freguês descuidado e lhe disse:

– Senhor, creio que se esqueceu de pagar a costeleta.

– Pagar a costeleta? Quem foi que me falou de pagamento ainda há pouco? Você me convidou a levar para casa alguma coisa, apontando-me então a costeleta de porco. Disso posso dar como testemunhas todas as pessoas que estavam presentes na ocasião.

Desta forma, o açougueiro perdeu a sua costeleta de porco, para grande satisfação dos seus vizinhos da direita e da esquerda, também açougueiros, a quem aquela maneira de atrair os fregueses trazia aos colegas grandes contrariedades.

O nosso açougueiro era muito amável com a freguesia e vivia de boca escancarada o dia todo, em conversa fiada com todo o mundo que passava. Era a sua maneira de atrair a freguesia alheia.

– Em boca fechada não entram moscas! É pena que tivesse sido apenas uma costeleta! A costeleta do colega só tinha osso! E por isso mesmo Malasarte deu-a a um cachorro de cego, satisfazendo com um osso o animal, e com uma ilusão de alimento o dono que tinha a felicidade de nada ver.

A lição não serviu de forma alguma ao açougueiro. Burro que só ele! No outro dia, passando Malasarte em frente ao açougue, pôs-se o homem a chamá-lo de dentro do balcão:

– Venha cá, se puder, buscar de novo a sua costeleta para o almoço!

Malasarte aproximou-se e agarrou a costeleta. Mas o açougueiro que estava desta vez alerta, mal o bobo ia retirando o braço, arrebatou-lhe de um golpe o bocado, enquanto os curiosos, que se

haviam reunido em torno para apreciar a cena, batiam palmas, gritando e pulando.

– Retire a pata – dizia o açougueiro enfurecido. – Retire a pata! Desta mercadoria não sai um pedacinho que não seja com o dinheiro na frente.

– Isso também pode ser – retrucou o bobo, tirando do bolso a sua bolsa de moedas. – Mas agora, se eu lhe disser uma palavra que lhe agrade, que lhe dê satisfação, poderei eu receber em pagamento a minha costeleta de porco? A palavra lhe agradará ou não lhe agradará. Se agradar, muito bem, a costeleta é minha. Se não agradar, eu lhe pago a costeleta de hoje e a de ontem, não tenha dúvida nenhuma.

– Estamos de acordo – exclamou o açougueiro, limpando as mãos na camisa e cruzando os braços, enquanto Malasarte retirava da bolsa a mais bem tratada das suas moedas e a depositava em cima do balcão.

– Por enquanto ainda não lhe disse nada, senhor açougueiro. Mas negócio é negócio. Sou pobre de haveres, mas pago o que devo. Que tal o nosso acordo?

– Tem o senhor muita razão. Não desgosto de fazer um acordo bom como este – exclamou o açougueiro, estirando a mão para a moeda que Malasarte lhe pusera na frente. Mas, desta vez, foi o bobo que, mais ágil do que o outro, empunhou de uma só vez a moeda e a costeleta, escondendo-as cautelosamente entre as abas do casaco. E voltando-se para os presentes que formavam círculo ao redor:

– Vós todos servis de testemunhas do negócio por nós entabulado. Que as minhas palavras agradaram ao mestre todos vós podeis testemunhar.

Todos os presentes foram de opinião que Malasarte tinha agido com astúcia, mas dentro do ajuste combinado por ambos.

Ao perceber que todas as opiniões estavam invariavelmente ao seu lado, Malasarte retirou a costeleta de entre as abas do casaco, cheirou, deu um estalo com a língua e retirou-se sem dizer palavra. Quando os gritos, as caçoadas e os comentários recomeçaram, o padre que ia passando perto veio saber o que era, empurrando o chapelão para cima do cangote, enquanto os outros iam tirando da cabeça os seus chapéus diante dele. Todos contavam.

– Não foi assim. A coisa começou assim, assado.

E a história era contada de novo com todos os detalhes do ajuste combinado entre o bobo e o açougueiro.

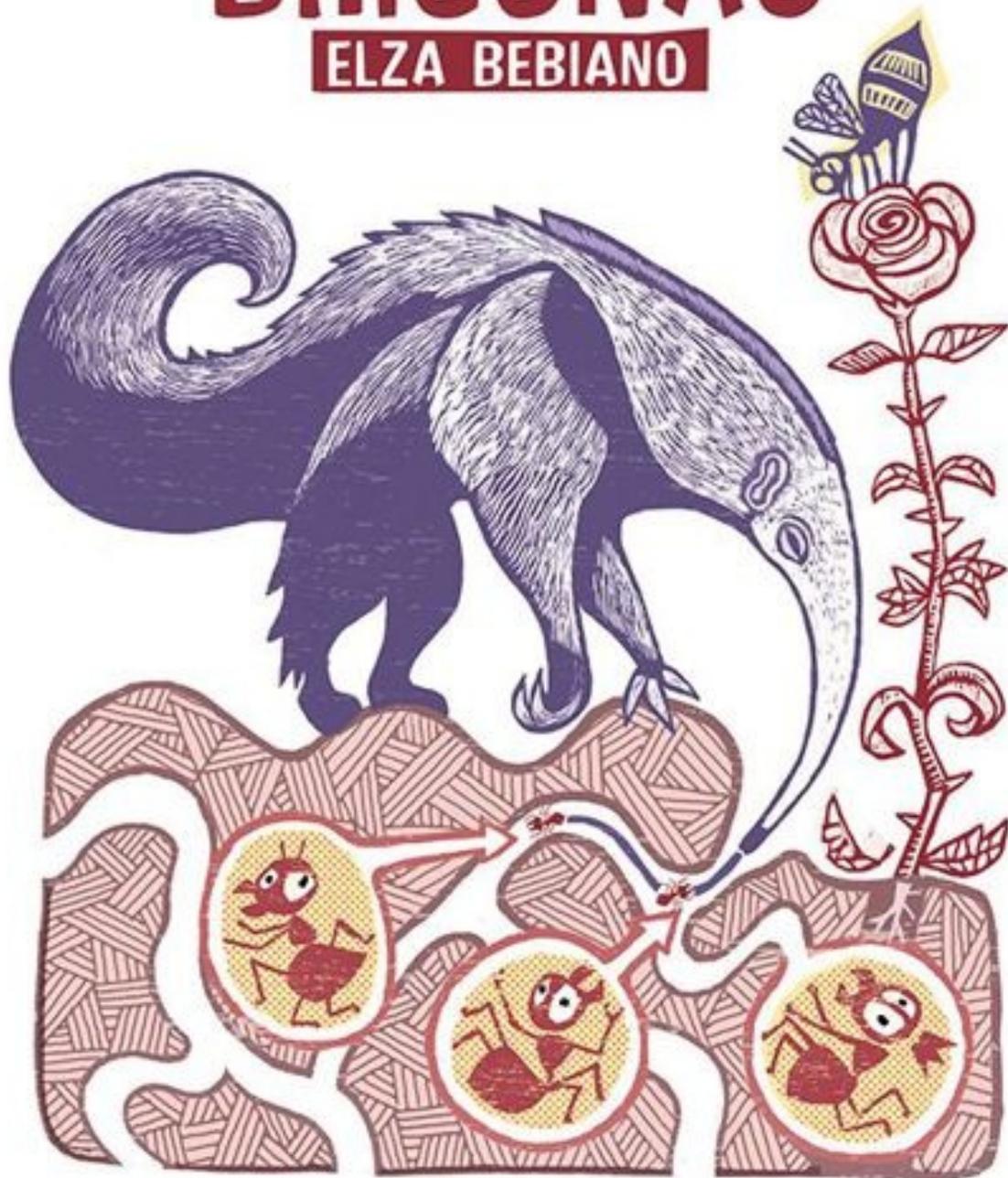
– De qualquer forma – disse então o padre, como para consolar o açougueiro – não havia outro jeito senão perder a questão. Em outras palavras, a questão foi armada para o amigo açougueiro perder a costeleta, quer gostasse, quer não gostasse do que Malasarte falasse. Qualquer pessoa teria que cair no

laço. Imaginemos, por exemplo, que o nosso amigo dissesse que não gostava do que Malasarte estava dizendo, isto é, que não gostava de que a pessoa pagasse as suas dívidas, honrasse a sua palavra etc. etc., que haveria de dizer este último? Ora, se o senhor não gosta de que lhe paguem as dívidas, eu recolho a minha moeda à sacola e tantas costeletas posso retirar do balcão quantas quiser.

– Meu amigo – concluiu o padre –, não se meta mais com espertos que usam armadilhas nas palavras.

AS SAÚVAS BRIGONAS

ELZA BEBIANO





Abelha-mestra acordou as 200 abelhinhas de sua colmeia e falou:

– Meninas, hoje o mel deve estar fabuloso: não percam tempo, aproveitem a manhã.

Partiram as 200 abelhinhas voando. Espalharam-se pelos jardins, sugaram o mel especial de papoulas e madressilvas, mas suspiraram de saudade quando passaram pelo pé de rosa-chá. Desde muito tempo esperavam pela rosa mais querida das abelhas, mas não havia meio de nascer um botão.

Do outro lado, dentro do formigueiro, a rainha das saúvas também acordou e foi logo ordenando:

– Cortadeiras, despertem! Em direção ao pé de rosa-chá, marchem!

Uma formiga-chefe abriu o desfile e mais de mil formigas, de ferrão arreganhado, saíram para cortar folhas e brotos, com ordem de não voltarem enquanto não vissem os galhos pelados.

A Primavera passou no Vento e suspirou:

– Veja, Ventinho da manhã, acabei de vestir a roseira mais querida das abelhas e olhe a tropa das formigas rasgando as folhinhas novas!

– Saúva só sabe comer! – disse o Vento, já zangado. – Deixe estar, vou varrer para longe as folhas cortadas e as saúvas vão morrer de fome!

Disse e saiu ventando. Soprou à volta da roseira, espalhou as folhas para longe.

A formiga-chefe zangou-se, vendo todo o trabalho perdido. Já ia mandar recado à sua Rainha, pedindo as tropas carregadeiras, mas resolveu outra coisa. Gritou para as cortadeiras:

– Fechar as tesouras! Para casa, marchem!

No formigueiro, contou tudo à Rainha e fofocou:

– O Vento fez isso porque é namorado da roseira!

– Ele me paga – disse a Rainha furiosa. – Não há de cheirar nem uma rosa este ano!

O Vento ouviu tudo e avisou:

– Guerra é guerra, dona Rainha, e, se estamos em guerra, prepare-se para o pior.

– Vento não sabe o que diz – resmungou a formiga. Virou-lhe as costas e foi dar ordens às mastigadoras de folhas. O Vento subiu o morro e assobiou na toca do tamanduá.

– Que ventania, seu Vento! Está zangado?

O Vento contou como a Primavera estava triste por causa das formigas.

– Ora essa, entristecer a Primavera? Isso não se faz. É ela quem traz as flores, é ela quem faz os dias mais bonitos do ano, é ela quem dá vontade de cantar e...

– E sou eu – disse o Vento – que ajudo a espalhar as sementes e o perfume das flores. Estou muito zangado com as saúvas e até vim pedir para o senhor ser meu aliado nesta guerra.

– Pois não – disse logo o tamanduá. – Estou com três tamanduazinhos meio magros em casa e prometo dar cabo dessas saúvas.

Chamou os filhotes:

– Meninos, hoje temos piquenique perto da roseira mais querida das abelhas.

– Tenho medo de gente – falou um filhote medroso. – Prefiro não descer o morro.

– Mas tem de ir defender a roseira e aprender a ser tamanduá! – falou o pai. – Vamos todos: um bom passeio e uma boa ração de formigas não se rejeitam.

O Vento desceu o morro com os tamanduás e ficou de avisar se aparecesse gente. Passaram por baixo de uma cerca e chegaram ao formigueiro.

A formiga-porteira, quando os viu, perdeu a fala e morreu de susto. Nem pôde avisar à Rainha, como era sua obrigação.

– Socorro! – gritaram as cortadeiras, quando viram entrar pelo formigueiro a língua comprida do pai tamanduá. Mas não puderam dizer mais nada, porque já estavam coladas, enroladas, engolidas e mortas dentro da barriga do guloso. Pelos corredores do formigueiro as saúvas se atropelavam, se atrapalhavam, subiam umas por cima das outras, querendo fugir. Mas por todos os lados atacavam os tamanduás e, em pouco tempo, não havia mais formigas no formigueiro.

– Quem comeu a Rainha? – perguntou o pai tamanduá, levantando a grande cauda peluda.

– Estava gostosíssima – falou o filhote medroso, mas não é melhor voltarmos para casa?

O Vento, todo alegre, foi contar tudo à Primavera.

– Vamos dar uma festa! – disse ela. – E há de ser no dia em que se abrir a primeira rosa-chá.

Convidou abelhinhas, colibris, borboletas e crianças amigas de flores. Encheu os jardins de perfumes e dias bonitos. O Vento ajudou, limpou os caminhos, juntando todo o lixo pelos cantos.

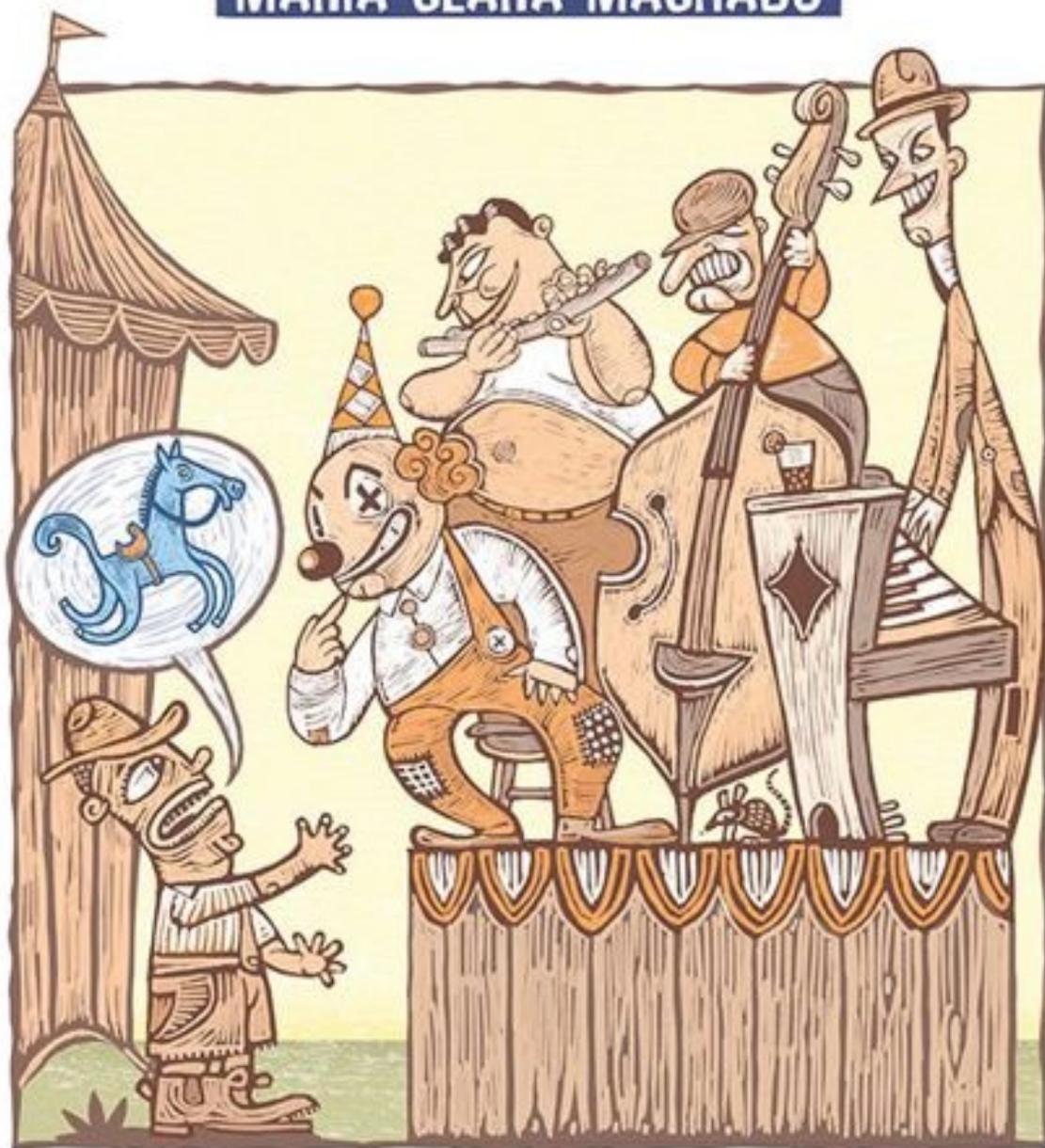
Quando nasceu a primeira rosa-chá, a roseira convidou a Primavera para madrinha e o Vento para padrinho. O sol e a chuva quiseram ver o batizado e foram juntos, levando o filho deles, o Arco-íris.

Todos dançaram em volta da roseira e, como o tamanduá não pudesse descer para a festa, o Vento foi levar de presente para ele um caderninho. E sabem o que estava escrito no caderninho? O endereço de todos os formigueiros de saúva do mundo.

Mas acontece que são tantos que os tamanduás e o Vento só vencem algumas batalhas, mas ainda não ganharam a guerra.

O CAVALINHO AZUL

MARIA CLARA MACHADO



Esta história foi um velho que me contou.

Um velho com uma barba enorme, tão grande que quase chegava ao chão.

Ele se chamava João de Deus.

Era vagabundo. Andava pelas estradas vendo as coisas.

De tanto ver, sabia uma porção de histórias dos outros.

Foi ele quem me contou a história de Vicente e de seu cavalo. Vicente era um menino pobre que tinha um pangaré.

O pangaré era marrom, bem feio, bem magro e bem velho.

O cavalo servia para puxar a carroça do pai de Vicente, que levava para a cidade verduras que ele colhia, vendia e ganhava um dinheirinho. Quando o cavalo não estava puxando a carroça, quem brincava e dava capim a ele era Vicente.

Vicente adorava dar capim ao seu cavalo. Era nesta hora que ele conversava com o pangaré.

Ele dizia uma porção de coisas também quando o levava para beber água na beira do córrego que passava atrás da casa.

Conversa de Vicente com seu cavalo

– Bebe água, meu cavalinho azul! Este rio está meio sujinho, mas vou te levar para um rio enorme de água limpa e branquinha que tem lá atrás daqueles morros. Vamos atravessar uma enorme campina verde, toda verdinha de tanto capim verde. Depois, quando você estiver bem treinado, bem escovado, vou te levar para o circo lá da cidade. Lá, vou andar com um pé só em cima de você, sem cair. O outro pé eu deixo boiando no ar, para mostrar aos meninos que vão ao circo como nós dois sabemos fazer coisas de circo. Nós vamos fazer outras coisas difíceis. E todo o mundo vai ficar olhando a gente, admirando seu pelo brilhando de tão azul naquela luz forte do circo!

Conversa de pai e mãe de Vicente

Um dia o pai de Vicente disse para a mãe dele:

– Mulher, precisamos vender este cavalo! A mãe levou muito susto.

– Vender, por quê!?

– Este pangaré não serve mais para nada. Já vendi a carroça. Este cavalo só serve para comer mais dinheiro. Se for vendido, posso apurar uns cobres e com eles comprar umas galinhas e começar uma criação.

– E o menino? – disse a mãe.

– O menino esquece. Arranja outro brinquedo.

– Esquece não – respondeu a mãe. – Ele só pensa nisso.

O pai já estava meio zangado, pegou o chapéu, puxou o pangaré e disse:

– Está ficando doido; melhor é levar o cavalo logo. Vou à cidade vendê-lo. Para o menino, trago um brinquedo.

A mulher estava tão aflita que resolveu ver se ainda convencia o pai a não levar o cavalo. Então, ela disse a ele:

– Por que você não vende a vaquinha?

– A vaquinha dá leite.

– Mas o cavalo dá alegria ao menino.

– Mas não dá dinheiro. O menino se acostuma. Você fica aí com pena do menino e não tem pena de mim. Quem é que vai arranjar dinheiro para o menino comer, hein?

A mãe não disse mais nada.

Ela sabia que o marido só tinha tempo de pensar nessas coisas de arranjar dinheiro para comer. Então, ela deixou que ele fosse embora para vender o cavalo.

A mãe disse a Vicente que o pai tinha vendido o cavalo, mas Vicente não ligou muito não. O pai trouxe para ele uma bola.

Ele queria mostrar a bola ao seu cavalo.

Todos achavam que Vicente era meio louquinho com essa ideia de esperar o cavalo azul, porque todos sabiam que o cavalo não voltava mais, porque já tinha outro dono. E todos sabiam também que o cavalo não era azul.

João de Deus contou que começavam a achar que Vicente também era meio mentiroso por causa desse negócio de inventar cavalos azuis, campinas verdes, rios de água branca, circos. Ele misturava

também as coisas de verdade que ouvia com as coisas que inventava. Na escola, passava todo o tempo imaginando como seria bom ele e seu cavalo azul darem um passeio nas Capitânicas Hereditárias! A professora ficou muito assustada e até mandou Vicente embora para casa mais cedo nesse dia.

Mas ele não era mentiroso não, porque acreditava mesmo nas coisas que imaginava.

Um dia Vicente disse:

– Estou achando que o meu cavalinho perdeu o caminho de casa. Ele é tão distraído! Preciso ir atrás dele. Mamãe disse que este mundo está cheio de perigos, não posso mais deixar meu amigo perdido por aí. Talvez tenha ido para as Antilhas Holandesas ou então para a ilha de Brocoió cercada de água por todos os lados, ou para algum istmo ou cabo... Sei lá, todos esses perigos... e se ele foi para a serra da Mantiqueira? Coitadinho!

Então, Vicente saiu de casa e começou a correr o mundo atrás do Cavalo Azul.

Ele chegou primeiro a um circo perto da sua cidade.

Os donos do circo eram três músicos.

Esses músicos chamaram um palhaço para fazer graça enquanto eles tocavam e ganhavam dinheiro. Eles eram também bandidos. Um era o Alto, o outro era o Baixinho, e o terceiro era o Gordo. O Alto tocava piano, o Baixinho tocava contrabaixo, e o Gordo tocava flauta. Eles obrigavam o palhaço a trabalhar de graça e a contar uma porção de mentiras para enganar o público que ia ao circo.

O público começou a desconfiar que as promessas do palhaço eram todas uma grande mentira. Só uma menininha ia todos os dias ao circo ver se aparecia mesmo alguma coisa para ela ficar contente.

Quando Vicente chegou ao circo, o palhaço estava fazendo seu discurso diário de promessas.

Discurso que o palhaço fazia todos os dias

– Caro público! Bom dia, boa tarde e boa noite!

Vicente achou muito boa e econômica esta ideia de cumprimentar tudo de uma só vez.

– Este é o nosso grande Circo Americano! – continuou o palhaço. – Os melhores trapezistas do mundo vão voar por este teto! Cinco elefantes vermelhos, domesticados, educados, amestrados vão cantar! Cantar, caro público, com voz de elefante! Um cachorro chamado Doly vai tocar violino! Um gato vai recitar versos! Duas focas bailarinas vão dançar em cima de cinco cavalos! Um homem que engole fogo e cospe gelo...

Vicente achou tudo tão maravilhoso que começou a bater palmas e foi logo falando com o palhaço:

– Grande palhaço do grande circo, quer fazer o favor de me dizer se o meu cavalo azul está aqui?

Quando o palhaço ouviu falar de cavalo azul, abriu uma boca enorme de palhaço assustado e disse:

– Cavalo azul? Nunca vi. Isto existe?

Os três músicos, que eram muito mais bandidos do que músicos, quando ouviram isto, também levaram um susto enorme de bandidos e disseram:

– Isto existe? Um cavalo azul?

Vicente respondeu:

– Existe sim. O meu. Com um rabo enorme, branco. Ele é lindo, canta, dança e voa também.

O músico baixinho falou:

– Vocês ouviram? Ele tem um cavalo azul que canta, dança e voa. Se conseguirmos esse cavalo para o circo, ganharemos tanto dinheiro que ficaremos milionários. Todo o mundo vai querer ver essa maravilha.

O Gordo e o Alto disseram ainda.

– Então, não precisaremos mais trabalhar. Vamos roubar o cavalo do menino.

O Gordo foi logo falando:

– Matamos o menino e ficamos com o cavalo dele.

Mas o Baixinho refletiu:

– Se matarmos logo o menino, como é que vamos achar o cavalo? Precisamos saber primeiro onde ele está.

Os três bandidos mandaram o palhaço comprar pipocas para oferecer a Vicente. Eles achavam que comendo pipocas Vicente poderia contar mais coisas sobre o cavalo. Depois, chegaram bem perto dele, fingindo-se de gente boa, e perguntaram:

– Como é o seu cavalo, hein menino?

Vicente custou a responder, porque estava com a boca cheia de pipocas, o que deixou os velhos muito nervosos. Depois disse:

– Azul! Com os olhos que mudam de cor sempre. De dia é azul-claro, mas de noite é como o mar à noite!

– Lindo! Sensacional! Você vende?

– Não vendo não, ora! Papai já vendeu. Mas agora vou buscá-lo.

– Ele come muito, o seu cavalo? – perguntou o Alto.

– Só milho e capim. Às vezes um pouco de nuvem que desmancha.

O Baixinho disse ao ouvido do Gordo:

– Nuvem que desmancha é chuva.

O Gordo respondeu:

– É barato. E nós só lhe daremos capim. O milho está caro.

Então, o Baixinho chegou perto de Vicente e falou com uma voz bem macia, bem fingida, de bandido querendo parecer simpático:

– Por onde anda o seu cavalo?

– Por aí... pelo mundo... Na serra da Mantiqueira, no Oceano Atlântico ou... talvez...

Os músicos, com caras cada vez mais gulosas, disseram ao mesmo tempo, abrindo uns olhos enormes: Ou!...

– Ou nas Capitânicas Hereditárias!

Como ninguém sabia onde ficavam essas capitânicas, os três espantaram-se. Um cavalo azul, e ainda por cima morando em lugares tão estranhos e desconhecidos, devia valer muito dinheiro!

Os três resolveram desmanchar o circo e seguir Vicente pelo mundo até encontrarem o cavalo. E ficaram à espreita.

Enquanto eles conversavam conversas de bandidos e despediam o palhaço, Vicente foi se sentar perto da Menininha que ia todos os dias ao circo para ver se acontecia alguma coisa. Ela disse a Vicente:

– Paguei a entrada e estou esperando acontecer alguma coisa aqui no circo. Todos os dias é a mesma coisa. O palhaço dá cambalhotas, os três elefantes cansados dançam! Já dei todas as minhas notas e ainda não vi o cachorro tocar violino! Todos os dias o palhaço diz que o cachorro ficou doente, mas estou achando que já era hora dele ficar bom e tocar violino para a gente ver. Deve ser tão engraçado ver um cachorro tocar violino!

Vicente achou que a menina tinha razão e convidou-a para irem juntos procurar o cavalo. É sempre melhor procurar o cavalo azul acompanhado do que sozinho. A menina gostou da ideia e os dois resolveram continuar o caminho pelo mundo.

Vicente perguntou se ela queria ir primeiro ao Oceano Índico ou ao Pacífico.

Ela propôs:

– Tenho uma tia que mora no Ceará.

Então, eles foram para o Ceará.

Vicente, sempre acompanhado pela menina, começou a sua busca pela estrada.

Foi primeiro até o Ceará! E o cavalinho não estava nem em Fortaleza, nem em Cabrobó, nem em lugar nenhum. Foi a Pernambuco, ao Amazonas, andou perto dos rios Negro e Tocantins. E nada. Depois

voltou para o sul. Os dois meninos viajavam de dia e dormiam à noite. Mas não sabiam do perigo que vinha atrás deles. Os três músicos, fingindo que eram músicos de verdade, para não serem vistos, andavam durante a noite e dormiam durante o dia.

Os velhos cada vez mais gulosos só pensavam no dinheiro que o cavalo azul ia lhes dar. Enquanto andavam, os músicos sonhavam com notas e mais notas enchendo o circo.

E como só pensavam em dinheiro, não desistiam de andar pelas estradas atrás de Vicente.

Vicente e a meninazinha chegaram um dia a uma cidade grande. Os bandidos também lá chegaram. Para não dar na vista de que eram bandidos, eles subiram no coreto da praça e começaram a tocar música de domingo para disfarçar. E muita gente foi aparecendo na praça, porque todo o mundo gosta de música em coreto, mesmo quando tocada por bandidos.

Vicente ficou muito alegre ao ver uma cidade tão cheia de gente e começou a perguntar às pessoas que passavam se tinham visto seu cavalinho azul.

Perguntou a uns soldados que estavam marchando e os soldados, em vez de responderem direito, disseram que não tinham tempo a perder com histórias de cavalos azuis, porque sempre precisavam marchar para defender a pátria. Um senhor, muito distinto, nem quis ouvir a pergunta de Vicente, pois ele vivia atrasado para chegar ao trabalho e não podia conversar com meninos na praça. Também uma senhora lavadeira falou que nada sabia sobre cavalos. Se fosse pensar em cavalos, quem iria lavar a roupa para ela?

A verdade é que ninguém queria ou não podia ver o seu cavalinho. Quando Vicente já estava começando a desanimar de perguntar às pessoas sobre o seu cavalo, chegou à praça uma velha muito esquisita, vestida de forma muito elegante, com chapéu e tudo, e foi logo dizendo a Vicente sem ele perguntar:

– Eu vi!

“Gozado”, pensou Vicente, “logo essa boa senhora a quem eu nada perguntei é que viu”.

– A senhora viu? – perguntou Vicente.

– Eu vi.

Os músicos, que estavam tocando uma valsa, começaram a tocar uma marchinha bem animada, pois estavam nervosos para ouvir o que a Velha Que Viu tinha visto.

E a velha começou a dizer coisas bem esquisitas:

– Eu vi... eu vi... Ele é todo azul com enormes asas para voar na terra e com grandes barbatanas para nadar no mar... e tem dois olhos de fogo numa cabeça tão linda!

Ao ouvir isto, Vicente ficou tão contente que saiu correndo atrás da menina que tinha ido comprar algodão doce para contar a ela o que a Velha Que Viu tinha visto.

Mas os músicos também ouviram a história e mais que depressa raptaram a velha e a levaram para dentro do coreto. Queriam saber tudo o que a velha tinha visto.

A velha, quando viu o revólver dos bandidos apontado para ela, nem ligou, porque era uma velha meio doidinha e não ficava aflita com essas coisas perigosas. Em vez de ter medo, ela continuou a dizer coisas estranhas.

Coisas que a Velha Que Viu disse para os bandidos

O vento é verde, a chuva é branca, e lá vem o menino cavalgando o cavalo azul... cavalgando na nuvem que é preta, e ele grita: ai... ai... ai!

Lá vem o menino cavalgando o cavalo azul!

Cavalgando na nuvem que é preta e ele grita: ai! ai! ai!

Quero cair, quero molhar... quero virar rio, pro cavalo beber...

Pacatá... pacatá... pacatá...

Quero cair,

Quero molhar,

Virar um rio,

Pacatá, pacatá, pacatá,

Um rio virar

Pro cavalo beber!

Os bandidos ficaram assustadíssimos e procuraram o menino cavalgando no cavalo azul em meio às nuvens pretas que cobriam o céu.

O Alto ficou com tanto medo que até apontou o revólver para a nuvem, como se a gente pudesse desmanchar nuvens com revólveres!

Ele disse:

– Deve ser um dragão!

– Um dragãozão – respondeu o Gordo.

A Velha Que Viu continuou pacatando pela praça sem ninguém ligar para ela. Só os velhos bandidos ficaram de boca aberta e disseram:

– Ela é doida!

E a Velha Que Viu saiu pela cidade falando coisas que ninguém entendia, coisas que os doidos veem e dizem para passar o tempo e serem mais felizes.

Quando Vicente voltou para procurar a Velha Que Viu, ela já tinha ido embora e os bandidos haviam voltado para o coreto.

Vicente ficou muito chateado de não encontrar mais a velha, então, continuou a perguntar a todo o mundo:

– Será que ninguém viu?

Na praça, acabara de chegar um ambulante com ventarolas e outras coisas que se vendem em praças. Vicente perguntou a ele:

– Será que o senhor viu um cavalo azul?

O vendedor que, como todo vendedor gosta de vender tudo o que tem, disse que tinha um cavalo azul para vender.

Mas era um cavalo de papelão, desses que andam em rodinhas, para crianças muito pequenas puxarem e pensarem que estão puxando um cavalo de verdade.

Vicente explicou que o dele não era assim, mas a menina, que já estava muito cansada de procurar o cavalo azul, achou que aquele mesmo servia, porque não aguentava mais andar pelo mundo buscando coisa tão difícil. O vendedor vendeu a ela o cavalo azul de papelão e a menina ficou muito feliz.

O vendedor contou também que conhecia um *cowboy* americano que tinha uma criação de cavalos. Quem sabe o cavalo do menino estava lá?

Vicente achou que talvez o cavalo azul estivesse na fazenda do *cowboy* e perguntou a ele onde era a fazenda:

– Você anda um pouquinho naquela estrada e dá logo com uma fazenda cheia de anúncios, com várias luzes e setas e escadas rolantes. É uma fazenda de americano, que gosta muito de se mostrar. Os seus cavalos são ensinados e escovados com sabão americano. Quem sabe o seu cavalo azul está lá?

– Muito obrigado pela informação – disse Vicente. – Ele é capaz de estar mesmo nessa fazenda.

– Vamos voltar para a casa, Vicente – disse a menina.

– É a última vez que procuro, está bem, Menina?

A menina concordou e os dois foram para a fazenda do *cowboy* americano.

Os músicos chegaram a ficar com dor de ouvido de tanto escutar conversa alheia. Quando souberam da fazenda do *cowboy*, saíram correndo bem no meio de uma valsa, deixando o pessoal da cidade ainda mais chateado, sem música para ajudar a passar o tempo.

Os músicos bandidos chegaram primeiro à fazenda do *cowboy* americano e foram direto ao curral para ver se encontravam o cavalo azul. Era noite, estava muito escuro.

O *cowboy*, muito sabido, dormia sempre com um olho aberto e o outro fechado, para poder vigiar bem a sua fazenda. Enquanto um olho descansava, o outro vigiava. É claro que isto é uma coisa muito difícil, porque os olhos gostam de descansar juntos, mas o americano treinou tanto que já conseguia alternar os olhos. Não sei como, mas fazia e, quando os três bandidos apareceram no curral, mais que depressa uma lanterna ele acendeu e um enorme revólver surgiu apontando para os ladrões.

Foi uma correria danada.

Os bandidos, que também gostavam muito de mentir, disseram que tinham ido lá para tocar música para os cavalos. O *cowboy* ficou meio desconfiado com essa história, mas mandou que eles tocassem uma música americana que ele não ouvia há muito tempo. Os músicos assim faziam quando Vicente chegou.

Ao verem Vicente, os bandidos começaram a tremer de medo, mas o menino ainda não sabia que eles eram bandidos e ficou muito contente de rever os músicos do circo.

– Olá, músicos, como vão vocês?

– Vamos muito bem – disse o Gordo.

– Estamos tocando música para os cavalos...

Vicente ainda perguntou se o palhaço ia bem; eles disseram que o palhaço ia muito bem, o que era outra mentira, porque eles tinham despedido o palhaço do circo, que estava ainda sem emprego.

O *cowboy* perguntou o que é que Vicente queria e ele disse que estava à procura de seu cavalo azul.

– Azul! – disse o *cowboy*. – Tenho sim – e levou Vicente lá para dentro do curral.

Os bandidos, quando ouviram isso, deixaram o fingimento de lado e saíram correndo atrás do *cowboy* para pegar o cavalo.

Mas o cavalo que o *cowboy* mostrou tinha *apenas* um olho azul.

– Não, não é este o meu. O meu é todo azul e canta, dança e voa – disse Vicente.

O bandido gordo ficou com uma gula concentrada de roubo, agarrou Vicente, amarrou-o bem e disse:

– Agora diga onde está o cavalo ou então eu te mato!

A menina ficou com muito medo e saiu correndo atrás do *cowboy* que tinha ido buscar sucos de frutas para distribuir a todos.

Ele havia sido muito gentil ao ouvir a história do cavalo azul. Talvez pudesse comprá-lo para a sua fazenda e fazer um bom negócio.

Enquanto isso, Vicente estava muito espantado de ver aqueles músicos mudarem tanto de cara. Ele achava que quem era músico, era músico, e quem era bandido, era bandido. Então, ele perguntou:

– Vocês são músicos mesmo ou bandidos?

– Bandidos... e músicos.

– Mais bandido do que músico ou mais músico do que bandido?

O baixinho respondeu:

– Quase só bandidos.

Vicente percebeu que eles torciam a cara para parecerem muito maus e o assustarem, então perguntou:

– Vocês roubam pianos, violões, violoncelos, violinos, violas e outras coisas assim?

Que ideia do Vicente perguntar isso! Eles ficaram tão furiosos que jogaram Vicente no chão, todo amarrado. Mas Vicente falou:

– Se vocês me amarram assim, como é que posso procurar meu cavalo azul?

Os músicos-bandidos acharam que Vicente tinha razão e começaram a gritar de raiva porque tinham que soltar o Vicente. Gritaram tanto que foi muito fácil para o *cow-boy*, quando apareceu, prendê-los e levá-los para a polícia.

Ficaram na prisão algum tempo e, à noite, sonhavam sempre que haviam achado o cavalo azul que todos os dias cuspiam notas de grande valor para eles.

Ao saírem da prisão, foram morar com a Velha Que Viu. Só assim poderiam ouvir todos os dias a história do maravilhoso cavalo.

Vicente continuou seu caminho.

A menina, exausta de tanto viajar, voltou para casa com seu cavalinho de papelão.

Vicente, de vez em quando, sentava-se na estrada perto de um andarilho como ele, a quem sempre chamava de João de Deus. E conversava com ele sobre seu cavalo.

Um dia, ele disse a um desses Joões de Deus, numa estrada de Minas Gerais, que ele já estava sentindo muitas saudades de sua casa, de sua mãe e de tudo de sua cidade. Ele queria voltar, mas primeiro teria que encontrar seu cavalo.

E Vicente estava certo de que seu cavalo chegaria. E chegou!

Vindo de muito longe, galopando feito um doido.

Pacatá! Pacatá! Pacatá!

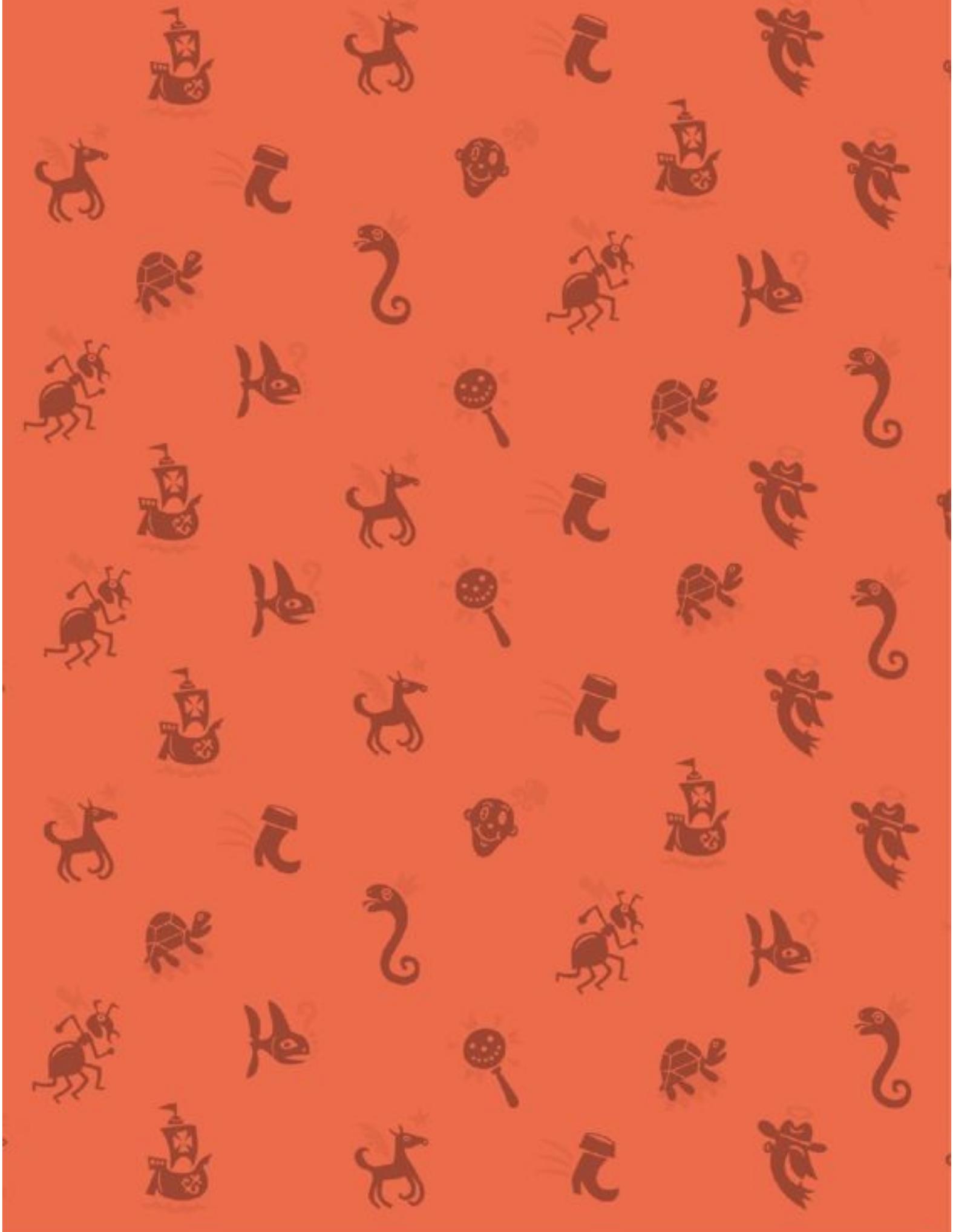
Numa campina verde, debaixo de um céu muito azul, em um dia qualquer.

Azul!

Enorme, galopando e voando.

Enfim, foram os dois para casa.





Notas

- 1 Nota: Está em Português arcaico, isto é, antigo.
- 2 *Taperebá* —nome de uma árvore amazônica e de seu fruto, que é mais ou menos semelhante ao cajá. É apreciado tanto pelos jabutis como pelas antas, e isso explica o fato de os dois personagens desta narrativa se encontrarem debaixo de uma dessas árvores.
- 3 *Rasto* - variante de *rastro*.
- 4 *Guariba* - espécie de macaco.